

Relicário



Relicário

Por
Antônio LaCarne
Argentina Castro
Ayla Andrade
Bruno Paulino
Zélia Sales

Organização
Isabel Costa e Rubens Rodrigues

Fortaleza, 2019

OPOVO



RELICÁRIO - VIDA&ARTE - LETRAS&LIVROS

Realização

Grupo O POVO de Comunicação

Avenida Aguanambi, 282

Joaquim Távora

CEP 60055-402 - Fortaleza-Ce

Pabx: (85) 3254 1010

www.opovo.com.br

Twitter: @opovoonline

Instagram: @opovoonline

Facebook: /opovoonline

Presidente e editora

Luciana Dummar

Vice-presidente

João Dummar Neto

Diretor-geral de jornalismo

Arlen Medina Néri

Diretores-executivos de jornalismo

Ana Naddaf e Erick Guimarães

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R321 Relicário / Isabel Costa e Rubens Rodrigues (organizadores). –
Fortaleza: O POVO, 2019.
128 p. : il. color.

Integra o projeto Letras & Livros, desenvolvido pelo Vida & Arte.
ISBN 978-85-7529-928-9

1. Contos ficcionais de escritores cearenses. I. Costa, Isabel.
II. Rodrigues, Rubens. III. Título.

CDD 808.831

Bibliotecário: Francisco Edvander Pires Santos (CRB-3/1212)

ISBN 978-85-7529-928-9



**Vocês
querendo
ou não,
isso é
literatura**

Talles Azigon

Su má rio

8

Caixa de relíquias

62

Zélia Sales

14

Entre o muro e o papel

74

Os podcasts e a literatura

20

De histórias reais e fantásticas

80

Entrevistas

24

Antônio LaCarne

104

Um caderno de 30 anos

34

Argentina Castro

110

O fazer do contista

42

Ayla Andrade

116

Autores

50

Bruno Paulino

122

Ilustradores

Caixa de reliquias

O livro que você, leitor, tem nas mãos agora, é apenas uma das partes de um quebra-cabeças gigante e bonito. *Relicário* integra o projeto Letras&Livros - desenvolvido pelo Vida&Arte em múltiplas plataformas e diferenciadas ações. É o ano de celebração pelos 30 anos do suplemento de arte e cultura do **O POVO**. É, portanto, um ano de festividades inúmeras. Sempre próximo da narrativa - como todo cearense costuma ser - o caderno traçou um grande guarda-chuva onde há espaço para diferentes vertentes.

O projeto - que aqui atenderá pela sigla de L&L - contempla os eventos realizados no Espaço O POVO de Cultura & Arte (Avenida Aguanambi, 282); o podcast Antologia - que tem a leitura de contos integrantes deste livro e está disponível nas plataformas de streaming; a publicação desses mesmos contos nas páginas do caderno Vida&Arte, aos sábados; o programa de televisão veiculado na TV O POVO (Canal 48), também aos sábados; e quadro no Programa Vida&Arte da Nova Brasil FM (106,5), aos domingos.

Íntimo da literatura e afeito dos escritores, o caderno soube usar as múltiplas plataformas disponíveis como só ele conseguiria. Para além do texto escrito e da palavra impressa, usamos as outras mídias para dar vazão a uma rica produção literária. Há muito tempo, jornalismo e literatura deixaram de ser representados apenas pelo papel e pela tinta. Somos voz, somos imagem, somos vídeos, somos áudios, somos muro e calçada.

Para a composição desse projeto, cinco escritores cearenses foram convocados: Argentina Castro,

Bruno Paulino, Ayla Andrade, Zélia Sales e Antônio LaCarne. Eles são diferentes em suas origens, saberes e idades. Tanta disparidade, unida, forma uma massa literária tão coesa quanto bonita. E isso, leitor e leitora, só poderá ser atestado quando você virar algumas páginas e começar a leitura dos contos que aqui estão.

Enquanto realizávamos os estudos para a composição desse projeto, nós bebemos em várias fontes. Do verso escrito na parede até o teórico mais sublime. E foi em um desses dias de estudo que encontramos as palavras que nos serviriam como norte: “A literatura permite maior âmbito de excepcional que as outras formas de arte. Na pintura, na escultura, o elemento artesanal, a matéria, o instrumento estabelecem uma comunhão necessária do artista com o artífice, manobrando ambos no mesmo mundo material de elementos necessários à obra. Na literatura, o elemento comum se dissolve por excesso de generalidade: a palavra, que é de todos, a letra, que é de todos. Daí as formas de construção artística, na literatura, gozarem de uma grande margem de liberdade.

O criador não está adstrito aos instrumentos”. As palavras são de um dos maiores pensadores brasileiros, Antonio Candido (1918-2017), e estão disponíveis em material publicado pelo Itaú Cultural como parte de uma ocupação artística.

A bússola de Antonio Candido é absolutamente certa. A palavra e a letra são propriedades tão plurais quanto libertárias. E são muitas as vertentes que cabem nesse relicário. Argentina é nascida no Planalto Pici, em Fortaleza, e descende de vaqueiros e bruxas. Ayla é assistente social, escreve no ônibus e é absolutamente urbana. Zélia é menina criada no alto da serra, em Itapajé, contando causos e oralidades. Antônio fez da escrita uma forma de terapia e enfrenta seus piores medos enquanto escreve. Bruno tem todos os ingredientes de um passarinho criado nas beiras de um açude do sertão.

Convocamos esses autores e essas autoras para ocupar o espaço central do nosso relicário. Aqui estão guardados tesouros em forma de textos. São contos genuínos - que vão do açude ao quintal, do elevador ao rio, do amor ao ranço, do encarceramento

ao desaguar. Em comum, estas mulheres e estes homens têm o fato de não estarem posicionados nos espaços privilegiados da literatura. Alguns nunca assinaram um livro em formato solo - publicando em antologias e utilizando os canais virtuais como meios para escoar suas produções. Outros tiveram que usar recursos próprios para ver seus livros - e conseqüentemente seus sonhos - serem materializados. Outros publicaram, mas foram engolidos pelo cotidiano e pelas obrigações.

Zélia Sales, Bruno Paulino, Ayla Andrade, Argentina Castro e Antônio LaCarne transformaram dificuldades em combustível. Com alegria e criatividade, eles lançam a si mesmos e aos seus textos no mundo. Temos orgulho de ter reunido esse grupo. Os cinco são o centro desse relicário. E, afinal, como sempre diz o poeta Baticum: “toda periferia é centro”.

Boa leitura!
Isabel Costa e Rubens Rodrigues
Editores

Entre o muro e o papel

Por Isabel Costa

O pensador belga Antoine Compagnon, no seu célebre livro *Literatura para quê?*, traça um forte questionamento sobre a importância das letras. Qual é a validade dessa linguagem para a sociedade? Qual é a necessidade de seu ensino e de seu estudo? Qual a necessidade de sua existência como fato social? Compagnon não está sozinho nesse coro. Dos gregos aos modernos. Dos antigos aos contemporâneos. Sempre há alguém disposto a refletir sobre a importância da literatura para a vida prática, para o mundo real. “Qual é a pertinência [...] da literatura para a vida? Qual é a sua força, não somente de prazer, mas também de conhecimento, não somente

de evasão, mas também de ação?”, nos provoca o pesquisador nascido em 1950.

A busca pelo propósito prático da literatura é feita em vários ambientes. Nas escolas, não raro, professores são questionados por seus alunos, por seus gestores e até mesmo pelas famílias sobre qual a utilidade das narrativas ficcionais. Ao ler um texto na praça ou no ônibus, também não raro, leitores são indagados sobre a finalidade de ter a obra em mãos. E até mesmo nos círculos universitários, onde imaginamos que supostamente há apreciação para as letras e as artes, é comum o questionamento sobre toda leitura que não está relacionada ao projeto de estudos. Ora, digo eu, que não há utilidade maior do que a fruição proporcionada pelo texto literário.

Imagine você, caro leitor, a possibilidade de encontrar mil mundos apenas com palavras. Quando falo nesses “mundos”, para além do clichê natural, há o desejo de reforçar que não há muitos limites quando falamos do texto literário. Os dragões se tornam reais, os castelos se tornam reais, os fantasmas se tornam reais, os assassinos

se tornam reais. O próprio Compangon defende que “exercício de reflexão e experiência de escrita, a literatura responde a um projeto de conhecimento do homem e do mundo”. Um escritor minimamente habilidoso conseguirá contar suas narrativas com verossimilhança suficiente para convencer o público daquela existência.

A literatura serve para nos fazer transpor e para nos fazer fruir. São duas pontas tão frágeis que, para os mais céticos e mais pragmáticos, talvez nem sejam consideradas verdadeiras utilidades. Mas, na minha opinião de leitora, essa é a grande virada de chave da literatura. Servir puramente para a fruição em um planeta onde é cobrada função de cada ser que respira e de cada objeto que ocupa espaço. Sendo útil para tantas coisas, o texto literário é capaz de nos fornecer tudo. É a força vital da criação de novos mundos. A fruição proporcionada pela letra já cumpre sua “função” apenas existindo. A utilidade da literatura é tão visível que passa despercebida para quem busca o sentido prático em tudo. Mas leitura não é um aplicativo de celular que nasce com uma função exata e data certa para expirar no aparelho.

Sabemos que por muito e muito tempo, houve uma tentativa de colocar as narrativas apenas no papel físico. Tudo aquilo que fosse criado deveria ser impresso para existir e escritor era apenas aquela pessoa capaz de publicar no livro, no jornal ou na revista. É fato que esse pensamento ainda perdura em alguns círculos. Há quem acredite que a literatura é apenas a impressão. As letras são bombardeadas de vários lados, por várias vozes e em vários recortes temporais. Busca-se a sua utilidade e enclausura-se o seu uso.

Que dizemos para nossos ancestrais que deixaram registros nas pedras, para os contadores de causos que nunca seguraram um lápis, para as mulheres que embalaram suas crianças com canções durante travessias, para os poetas que declamam nos slams usando o celular para a leitura? Ao acreditar que a literatura é apenas o papel, nós ignoramos todos esses escritores e todas essas narrativas. Literatura existe para além do suporte. E é por isso que os textos encontrados nesse relicário, caro leitor, podem ser lidos nas páginas do jornal, em blogs de literatura, em um podcast, em portais de notícias

e, também, aqui. Um formato não exclui o outro. E a literatura é grande demais para caber apenas em um papel impresso.

Há outro pensador - menos famoso que Antoine Compagnon, mas talvez mais amado - que gosto muito de citar. O nome dele é Talles Azigon e ele é responsável por um dos ensinamentos mais certos que já tive: “O poema é nosso. E eu boto onde eu quiser”. Os contos do *Relicário* também são nossos. E nós vamos colocar esses textos onde quisermos. No podcast, no portal de notícias, no jornal impresso, no livro. Talvez até em algum muro perto de você.

19

*Inquieta, porém calma. Isabel Costa é repórter do O POVO, formada em Letras pela UFC e especialista em Literatura e Semiótica pela Uece. Bel é uma antena parabólica captando possibilidades de leitura. Inventa mil planos, cumpre um terço deles, lê Guimarães Rosa diariamente e troca correspondências com Hermione Granger, sua melhor amiga.

De histórias reais e fantásticas

Por **Ana Naddaf**

Gabriel García Márquez pegou-me pela mão. Sentou-me em uma cadeira de palha fina, sob a sombra de um bouganville de coloração rosada, em um café incrustado nas muralhas da antiga Cartagena. Percorrendo o dedo pelo menu, como a escolher palavras em um dicionário, narrou a sua própria definição de realidade e de ficção. “São feitos da mesma matéria”, afirmou ao dar os primeiros goles no café forte e sem açúcar que acabara de ser servido.

Agitando a fina fumaça, que saía insistentemente da xícara, para saborear a bebida também pelo seu aroma, o jornalista-escritor (ou o escritor-jornalista, como preferir) reforça que jornalismo e literatura sempre se encontraram como em um colóquio. Diálogo constante entre o real e o fictício, entre a factualidade e o extraordinário, entre a história e o mito. Com miúda colher, remexe a borra que havia se formado no fundo da chávena. E a repousa depois, suavemente, sobre o pires. “A realidade é fantástica. O cotidiano surpreende mais do que a ficção”, sussurrou como a contar-me um segredo.

Nem tão secreto assim. Para Márquez, o jornalismo sempre foi uma forma de produzir literatura. E vice-versa. Foi ao fazer jornalístico que se entregou com atenção e paixão. “Aprendi a escrever contos escrevendo reportagens”, confessou certa vez. Em uma imaginária redação de jornal de alguma cidade latino-americana, poderiam sentar-se ao lado de Gabriel García Márquez tantos outros nomes que entrelaçaram a arte de reportar histórias reais e a de contar histórias fictícias – e fantásticas. Mario Vargas Llosa, Clarice Lispector, José de Alencar, Julio Cortázar, Euclides da Cunha, Martin Caparrós, Rachel de Queiroz e Nelson Rodrigues seriam alguns nomes desse instigante expediente.

22

Por muito tempo, confundiu-se a escrita dos autores que frequentavam as empresas de comunicação com a daqueles presentes nos saraus e nas academias de letras. Se antes o jornalismo havia absorvido as influências da literatura, esta descobria na imprensa sua fonte para reciclar constantemente sua prática. Além disso, os jornais sempre tiveram papel decisivo na democratização do acesso à literatura. Não apenas como suporte para divulgação, mas de incentivo à produção e à consolidação de novos discursos literários.

O livro *Relicário* é uma confirmação de que literatura e jornalismo voltam sempre a se encontrar. E podem unir-se em uma mesma obra. Agora, uma produção transmidiática. O produto faz parte do projeto Letras & Livros, do Grupo de Comunicação O POVO, que leva literatura para várias plataformas - do tradicional impresso a conteúdos sob demanda e via streaming. O próprio *Relicário* é resultado dessa

metodologia. Originalmente começou como um podcast, o Antologia, seguiu para as edições de sábado do suplemento Vida&Arte, com a intervenção de artistas visuais convidados, e, por fim, recebeu sua versão audiovisual.

O contista, assim como o jornalista, agora se revela como um intérprete de eventos em múltiplas plataformas. A construção arquitetônica da narrativa literária não apenas pode beber de elementos jornalísticos ao apresentar seus personagens, ponto de vista e enredo, mas também recorrer aos demais recursos da imprensa periódica. Na proposta do *Relicário*, *short stories*, *sketches* e contos utilizam-se, no entanto, de seu principal suporte: o papel jornal.

É simbólico o uso desse recurso material. Ao reconhecer novos métodos narrativos e ao reafirmar seu protagonismo em contar boas histórias, o jornalismo percorre itinerário inverso e volta à sua fonte inicial. Como em um processo de ressignificação, encontra na literatura um dos caminhos para a sua supervivência.

* Ana Naddaf é jornalista com pós-graduação em Estudos da Cultura Visual, pela Universidad de Barcelona (Espanha), e com especialização em Publishing: Digital and Print Media, pela New York University (EUA). Atualmente é diretora-executiva da redação do O POVO. Aprendeu com Gabriel García Márquez a contar histórias reais sem se esquecer de que, por muitas vezes, o cotidiano é mais fantástico do que a própria ficção.



Errar é humano

Antônio LaCarne

12 poemas para você eu não escrevo e não quero a morte. 4 luas perdidas no céu, o número de encantos que perdi em algum lugar do mapa. 15 beijos meus negados ou aquela velha história de que “você é a pessoa certa na hora errada”. 3 desejos que perdi no banco de trás, meia-noite no relógio de pulso e às sextas-feiras encontrei novos inimigos. 2 horas de espera na esquina da rua, os passos lentos dos homens ao redor, o desejo que me empurra ao travesseiro: paz de espírito que o filme de terror diminuiu. 7 anos com um réveillon doméstico nas entranhas, tiros de escopetas na tv que mordem com muita dor a vida das pessoas, mas o meu pior medo é do tamanho de uma baleia. 6 areias movediças no céu azul: você só pensa em carnavais e gente suada por perto – reciclo meu pensamento com um cigarro pela metade. Não disseram hoje que errar é humano.



Arlete no vazio

Em um devaneio espiritual amargo, Arlete havia esquecido como escrever o próprio nome. Após o almoço, dançou sozinha na sala de casa. Já não tinha amantes, não tinha amigos, não tinha filhos ou uma casa bem localizada. Amores pré-históricos revividos mentalmente se transformaram em ilusões no aconchego de seu quarto escuro.

27

Após o jantar, sozinha *as usual*, inventou para o seu próprio eu cansado uma nova tentativa de sobrevivência. Queria arder no inferno – se o inferno fosse bom. Queria deitar-se com vários homens – se todos eles lhe proporcionassem o prazer que ela vê nas novelas e nos filmes.

O tempo havia passado sorrateiro demais. Então, como única esperança ou alternativa, soluçou, silenciosa igual a um espelho. O tempo, quem sabe, havia se tornado translúcido, perdido em memória – ou, na pior das hipóteses –, livre de significado. Ela refletia uma vida apagada ali mesmo.

Na sala, os bibelôs organizados, e nem sequer um cachorro dócil como companhia.

Arlete, espelhada e sem cor, tremia por dentro como uma geladeira defeituosa, bem próxima da janela onde nenhum ser vivo transitava, descalça de si mesma – por já ter usado saltos demais e pisado de menos...

O mesmo tempo fez com que ela se viciasse em viagens, principalmente as imaginárias, as idas ao interior, as praias onde ela se cobria inteira com uma canga desbotada, presente do marido morto ao engasgar-se.

O rosto limpo, talvez imantado na glória de um passado mal aproveitado. Mas o passado é dono de alguma importância quando sofremos, e no presente tudo é silêncio e poeira e velhice e remédios por tomar e desejos por esquecer. Ou estes parágrafos servem unicamente para que o tempo se diminua em seu próprio círculo e assim a vida continue? Eu não me importo. Eu também tenho um rosto. E problemas.

Eu também tenho um sonho.

Arlete havia lembrado, tão repentinamente, o quanto somos aterrorizados por um sorriso de surpresa no instante em que o mundo parou de girar, mas que ninguém percebeu. Ninguém quis dar uma solução ao problema, e ninguém desejaria o lugar daquela mulher, por um segundo enrugado, onde a vida corriqueira e cheia de

atribuições é um pé no saco. Salva-se quem pode – e ensaia uma vida quem ousa viver.

Os dias são os pés de galinha no rosto da mulher que virou segredo de si mesma ao acordar, perplexa, e por décadas alheias, continuamente descalça.

Talvez amanhã ela retribua a sensação de querer sobreviver no inferno, de desejar homens nus e polidos em sua cama arrumadíssima, ou no olhar estampado no rosto que se assemelha a uma prisão de ventre ocultada no espaço.

Arlete é uma mulher antiga que não aprendeu a comunicar-se. Uma pessoa seca e ofendida, mas ofendida sem revolta, sem culpar os deuses ou os deslizos.

Seu olhar de animal confuso, diariamente se mantém incompreensível. Seu olhar é inconstante porque ela ainda está viva. Ela irradia o mistério, e por se tratar de algo indecifrável, seus olhos e seus medos são maravilhosos. Homens, mulheres, crianças e idosos manteriam o desinteresse ao que é alheio, pois não buscamos identificar, codificar, compreender o outro – como formigas que não se esforçam num único propósito.

Assim como ela, perdemos o fio da meada.

A sua amabilidade é a de dona de uma planta já morta no jarro, mas que por teimosia ela continuaria a regar. E a vida não rega a mulher. A planta não sobrevive. Os

sonhos se estagnam. Era como se Arlete e seu destino andassem na ponta dos pés com medo de esbarrar em algo pontiagudo e humano.

Era a corda bamba da velhice.

Meu Deus, por onde andarão os deuses de misericórdia das mulheres ardorosamente vazias? Os anjos que finalmente sucumbiram ao pecado e nos ensinaram a perder, cair, transar por transar, não se importar com as pessoas, caminhar desesperadamente em vão. Arlete segue em falsa nitidez e você tem uma vida. Se ao menos houvesse um *poodle* para distraí-la. Ou um homem vigoroso e pe-ludo. Mas os homens se perdem, lançam repetidamente a mesma âncora – quem realmente entende? Ela se desmonta inteira, enxergando nos outros o que é perda em si. Organiza os talheres sobre a mesa. Mergulha no mar, que é o espaço de sua casa, como uma enorme cachalote. Ela é o maior dos cetáceos em corpo humano, inundada de sal, amargura e higiene íntima.

Então, em plena terça-feira, às seis da manhã, falsamente surpreendida pelo desejo carnal e incontrolável de sempre, lembra-se das noites de amor com o marido, que morreu há duas décadas. Intrigada consigo mesma, surge com uma ideia ótima, mas que é logo despeçada em mil cristais decepcionantes quando ela se dá conta de que todas as bananas na cozinha já estão murchas demais.

Murchas demais.

Segredo

Jane Austen me manteve resoluto enquanto lia *Persuasão*. Meu corpo teimava num desconforto de pernas suadas sobre a cama, lutando contra o calor, decidindo se deveria ou não parar de fumar ao pensar no amigo que morrera inesperadamente. Eu estava triste, e vestia uma máscara de perplexidade. Então li a entrevista de uma autora que não se importava em soar experimental. Ela não dava a mínima ao escrever alguma coisa sobre a vida, se utilizando de uma única linha – pois os momentos precisam ser trabalhados, expulsos, transformados em algum rastro menos fatídico do que a realidade das ruas. Eu havia transformado a minha própria mão em um arbusto sem importância numa floresta, mas um arbusto repleto de possibilidades. Eu era algo – como um objeto a ser utilizado a qualquer momento. Mas ontem, numa mesa redonda sobre literatura, decorei minha fala e atropeli as palavras, fui rápido demais, como se corresse em direção ao amor da minha vida – e este amor me observava da plateia. A plateia era formada por vinte pessoas. Observei todos ao redor enquanto fingia sede e desdém ao homem sentado à minha direita (que se imaginava o rei de alguma coisa). Talvez o rei de pessoas que são convidadas para mesas redondas e que



não representam nada, além da organização ao vento de palavras milimetricamente ordenadas. Percebi algumas pessoas sorrindo enquanto eu falava. Mas eu queria um pouco de paz, fugir daquela sala gigantesca. Eu quis me afastar das pessoas que deveriam estar ao meu lado, mas que por alguma razão urbana, buscavam em outras presenças a satisfação insincera que eu jamais daria valor. Sorri, motivado por algum puxão interno, aí lembrei da autora despreocupadíssima com a forma ou o texto conciso. Ela havia encontrado seu próprio estilo. Mas o livro de Jane Austen repousava sobre a minha coxa esquerda, página 114, capa com desenho de árvores, algo sobre “a primeira semana de agosto”, as cortinas fechadas, o cinzeiro ao meu lado, um urso de pelúcia azul próximo a um relógio barato. Aos sábados, eu sempre penso num *backup* da alma. Preciso muito ser livre ao fazer anotações que servem de documentos. Cruzo as pernas em vão. Morro de inveja dos que sofrem calados, dos que guardam segredos, dos que se utilizam de um sorriso antes de qualquer vendaval. Olho ao redor, as paredes desbotadas de azul do quarto. Quartos são cenários que eu me inspiro. Isto é um conto – ou não –, uma leve narrativa antes que eu aproxime meu rosto do espelho e pense se é hora de hidratar a pele, imaginando as décadas que estão por vir. Mas eu saí daquele auditório levemente entorpecido e incomodado. Falei alguma bobagem? Não soei relevante o quanto deveria? Sou a cobra que morde o próprio rabo? Eu quis muito ser aquilo e ao mesmo tempo não. Ou quando a personagem diz que o pior já passou. Mas o amor de carne e osso estava ao meu lado. Não era personagem.



Dezesseis pobres primaveras

Argentina Castro

O menino estava sempre por ali, no quintal de minha mãe, a conversar com meu irmão mais novo entre bichos e coisas que pertencem aos bichos: ração, água e as sujeiras oriundas das fezes e urinas. Certa tarde, como era de costume, liguei para saber se estava tudo bem em casa. E, foi através da voz embargada de minha mãe, que soube da triste notícia.

O menino, negro e pobre, vivia com a mãe e mais alguns outros irmãos e irmãs. Todos com idades aproximadas, superlotavam a pequena casa. Juntos, formavam mais uma família moradora de favela. A irmã mais velha, mas ainda assim jovem, transformara-se, anos depois do ocorrido, em “mulher de traficante”. Essa era a expressão usada pelas bocas “decentes” da tal “comunidade”.

A mãe, que vivia de faxinar as casas de moradores que viviam em condições menos difíceis, tinha uma estatura pequena e os cabelos de um tom amarelado difícil de entender se pela tinta se pelo sol. E foi com as mãos puxando os cabelos que recebeu a notícia.

Seu filho, de apenas dezesseis anos, que vivia perambulando no quintal de minha mãe em conversas e risos com meu irmão mais novo, foi covarde e equivocadamente assassinado. Confundido com um inimigo de uma pessoa envolvida com o crime organizado, foi abatido, na saída do trabalho, com um tiro na cabeça.

Dezesseis anos, um tiro e lá se foi mais uma jovem vida, mais um corpo negro e pobre estendido no chão. Dezesseis anos, um sorriso doce e um olhar vivo.

Ainda sob o efeito da notícia, vejo na tv Neymar, o jovem jogador milionário. É copa do mundo e escuto, na vizinhança, gritos de jovens pobres com uma felicidade tão alheia...

36

Sinto que, junto com esse menino de dezesseis pobres primaveras, morreu também um pouco de minha esperança. Essa mesma que cada dia, em mim, está tão escassa quanto água no semiárido. Lembro de Renato Russo que, no auge de sua doença (física e de alma) disse pra sua mãe: “mãe, meu lugar não é aqui, eu quero ir me embora mãe, eu quero ir pra um lugar melhor”.

Durmo hoje com uma grande tristeza, como se tivesse perdido um irmão menor. Como se eu estivesse tão acorrentada quanto os negros no pelourinho, como se

eu tivesse com uma doença terminal e fatal, dessas que tiram o seu chão e que lhe colocam em estado de susto, pavor, medo, revolta, tristeza e desolação...

Dizem que ele estava no lugar errado, na hora errada e com a bicicleta errada. O dono da bicicleta é que “deveria” ser morto. A segunda versão é que ele teria reagido a um assalto. Mas, seja lá o que for, está tudo errado, o mundo, as pessoas, todas as coisas. Sinceramente tenho sonhado acordada com esse tal fim do mundo, esse mesmo que, desde que me entendo por gente, torna mais emocionante e cheio de expectativa as conversas banais. Penso que seria a melhor solução. Já pensou todo mundo morrendo junto, fazendo companhia uns aos outros, abraçados, compadecidos com o medo, o desespero e a dor do outro? Todos: rico, pobre, branco, negro, jovem, velho, cristão, não cristão, alfabetizado, não alfabetizado, empregado, desempregado, feliz, infeliz, doente, saudável, os loucos e os supostamente “normais”. Todos juntos, por favor, mas que se desfaga, como num passe de mágica, tudo isso que não tem dado certo, toda essa equivocada “humanidade”. Que tudo comece do zero...

Para o menino e, pelas conversas que nunca tivemos, meu pedido de desculpa. Pela sua morte antecipada, o meu lamento mais profundo.



Quintal negreiro

Enquanto ele entra casa a dentro, a mãe, no fundo do quintal, o observa. Numa das mãos vai levando o que para ela é veneno, mas que para ele é alívio. Alívio de Deus sabe o quê! O vermelho da lata, as letras em branco, aparecem e desaparecem no movimento apressado das mãos. Na “fissura”, ele senta numa pedra encostado ao muro do quintal. A mãe sabe que não adianta mais pedir, mandar, implorar. Dá as costas e recua. Não quer mais ver a fumaça sendo inalada por aquele que, para ela, é só um menino. Não gosta de ouvir a tosse que, repetidas vezes, sai dos pulmões do filho como se fosse gritos. Nervosa, ela acende um cigarro. Sentada com a mão na cabeça, olhando a terra batida, invoca ao Senhor. Ali, em silêncio, se compece dele e, dela mesma.

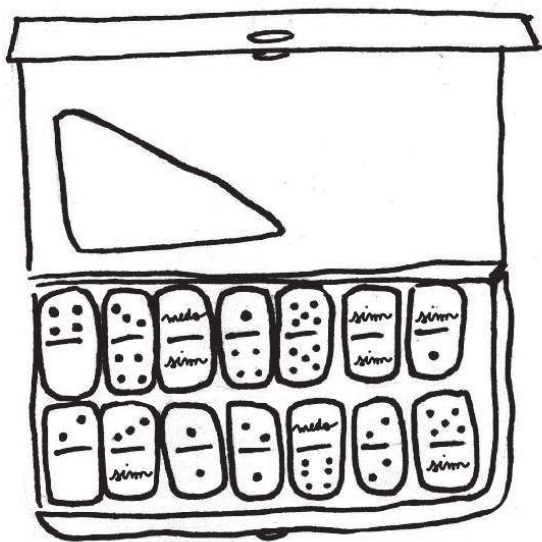
Cada vez que escuta um tiro, na favela, corre do jeito que está em casa, as vezes quase nua e, aos prantos, sai em busca do filho que, supostamente, está morto. Não conta as vezes que sentia alívio quando via que o filho

não era o seu. Mas era sempre filho de alguém que conhecia, de algum outro morador da rua que morava ou das redondezas. Enquanto ouvia a tosse quase inacabável do filho, fazia sempre a mesma oração - Senhor, eu te peço, faça com que ele sinta alguma coisa agora, leva ele agora meu Deus, faz ele se sentir mal. Não permita meu Deus que meu filho morra por ai no meio da rua, baleado, esfaqueado. Eu te peço meu pai, leva meu filho aqui e agora, nesse quintal, aqui na minha frente, dentro de casa, perto da família.-

O filho não morre e ainda levanta e sai na “noia”. Para ela é mais uma noite com tons cor do medo. Qualquer grito ou barulho de tiros lhe transforma, junto com a família, em seres em desespero.

Dentro da Bíblia da avó, os bilhetes para Deus se acumulam. São pedidos e mais pedidos de proteção para o neto, para a filha e toda a família que vive sob ameaças. A cada ameaça a mãe sai em defesa do filho, paga o que deve e o que não deve. Nos bilhetes endereçados ao divino, os nomes dos inimigos escritos em letras legíveis e gigantesca para que Deus não tenha dificuldade de enxergar e não demore a ver. É preciso ter fé, é preciso ser forte! Um dia, quando menos se espera, disse a mãe - uma legião de demônios correu a favela - entraram e saíram de becos “caçando” seu

filho como bicho a ser abatido. Não adiantou pedir para que os anjos acampassem ao redor do filho e o protegesse. No dia de sua morte, trancado dentro de casa, abriu brechas no telhado, pulou o muro da vizinhança e correu. No caminho, na fuga, encontrou uma das tias. É que notícia ruim chega ligeiro nas favelas e a tia correu à sua procura. Afinal, tem sempre alguém de olho e de ouvido bem aberto. A tia gritava - Venha por aqui!- Ele, em desespero e transtornado de medo, pedia, clamava - Tia, chama a mãe -. A mãe, pobre mãe, não podia receber pior notícia. Tanto que pediu a Deus pra não ser daquele jeito, daquela forma. Onde já se viu uma mãe ver o filho abatido, como um bicho, no meio da rua? Pediu para não ver derramado o sangue daquele que pariu, que amamentou, que protegeu o quanto pôde. A mãe, a irmã, as tias, os primos, a avó, os vizinhos, a rua, o bairro, amigos e inimigos viram aquele corpo jovem, vinte anos apenas, jogado no chão, se esvaindo em sangue. A namorada ali, sentada ao lado do corpo, beijando e gritando seu nome. Pânico, desespero, choro, muito choro. Desolação! A perícia chega. Corpo na lata e o rumo que não é mais a casa. A dor que não passa. Vizinho que liga o som. A vida que, rapidamente, segue. A morte que, mais uma vez e, precocemente, não se acanha e faz seu serviço dando tiros certos em um filho de um quintal negreiro.



Eu sinto medo.

Ayla **Andrade**

A voz do elevador pela manhã avisando que a vida sobe e desce constantemente faz coro com a música que não lhe sai da cabeça.

Mal começou o dia e já há uma música que não lhe sai da cabeça.

Não é uma música fácil de engolir. Há um refrão que soa bem para um elevador despencar do alto: eu sinto medo, eu sinto medo...

Na verdade, o medo é de que o elevador não despenque e repetidamente se tenha que apertar térreo-quarto andar em um looping infinito enquanto o elevador repete “sobe – desce, sobe – desce”. Uma vida resumida em botões, do começo ao fim do dia, do começo ao fim da vida. “Eu sinto medo, eu sinto medo”. Uma música que só toca na cabeça dela e que do lado de fora vira voz de elevador.

As pessoas ao redor, espremidas do térreo ao quarto andar, não sentem medo. As pessoas ao

redor não desejam que o elevador despenque. Aperta o três aí pra mim. Sobe e desce. Bom dia. Eu sinto medo. Ela quase vê o vão do elevador sumir embaixo dos pés. O elevador panorâmico de onde vê-se também o chão abaixo. Sobe e desce. Desce rápido. A música acompanha porque não lhe sai da cabeça.

A porta se abre, mais gente, sobe e desce, entra e sai. Todo mundo se fala, ninguém se conhece. Um vão abaixo dos pés e não há mais térreo-quarto andar. Não há conserto para a vida e nem para o elevador que despenca. Uma vez no chão há que se levantar ou virar escombros.

44

Mas o elevador não despenca, do contrário, abre-se em esplendor. A frente o corredor iluminado, climatizado, atóxico, com álcool gel para as mãos que se cumprimentaram de bom dia e botões. Cheiro de café de máquina, cinco recipientes coloridos para o lixo alegre que se produz do térreo ao quarto andar. “Eu sinto medo, eu sinto medo”, ainda a música.

O dia inteiro de relógio e abre e fecha, sobe e desce, aquele sim, ela não. Aperta um botão aqui e acolá,

pensando que o elevador continua do térreo ao quarto andar pra quem precisa. O elevador não cansa até o dia que despenca. Quando despenca é que se entregou. E enquanto isso não acontece, vez ou outra ele engole alguém e trava entre o primeiro e terceiro andar, nem sobe e nem desce, minutos de horror para quem se acostuma ao movimento de vai e vem que só o elevador tem e que de repente desaparece. “Eu sinto medo, eu sinto medo”.

No fim do dia ou da vida, não há diferença a essa altura, pessoas fingindo utilidade são cuspidas pelo elevador que só desce, só desce. As pessoas espremidas quarto andar – térreo buscam o chão de forma rasteira, sem dor, sem medo, sem susto. A saída é apertando um botão. Um botão. E a gente está que está livre depois da porta aberta. Mas “eu sinto medo, eu sinto medo”.



Jaguaribe, beira de rio.

A primeira vez que pisei o chão do rio, aquele a quem chamam Jaguaribe, senti um cheiro que me acompanha até hoje.

Aquela época, o corpo banhava-se com sabão importado, cheiro bom, de verde e lavanda. Os rios têm hoje esse cheiro que me alimenta a alma. Hoje visito muitos rios. Sempre que piso qualquer chão de rio, sinto esse cheiro verde e lavanda. Mas nunca, nunca tão forte quanto o daquele a quem chamam Jaguaribe.

Naquele rio, verde e lavanda, a sua cabeça fazia sombra pra leitura do meu livro. O sol ofuscava a vista mirando as folhas brancas, eu mal lia as frases, cega de palavras. Henry Miller disputava com o marulho do rio. Sim, rio tem marulho e eu me maravilho com a grandeza daquele a quem chamam Jaguaribe.

Eu alimentava os peixes à beira do rio com baião de dois, assim, na boca. Você, perdido no tempo, olhar

gigante sobre a margem daquele a quem chamam Jaguaribe. Vez ou outra lembrava dos peixes e do baião de dois. Ria-se com a cena: alimentar os peixes á beira do rio com baião de dois. Os peixes também, olhar gigante sobre o chão do rio, vez ou outra, lembravam de nadar. Você me explicando o rosa nas pedras do rio: a maré que enche, vaza e seres estranhos que fazem da rocha o nascedouro. “Isso a gente come. Quer dizer a gente, na verdade, bebe, mas usa esses para tira gosto”. Rimos.

A água do rio transparente como nossas almas.

E cruzamos o rio, ponta a ponta, ouvindo as conversas distantes dos senhores e pisando o chão do rio, dia claro, água límpida, pedras-nascedouros. Palavras lidas por horas do livro, à sombra de sua cabeça.

Líamos e era bom. Ler para bem-querer. É dos prazeres mínimos que tenho saudade. Ler pra quem se ama.

Palavra dita ao vento é bumerangue que bate no ouvido e volta no coração.





As almas penadas do açude grande

Bruno Paulino

Foi numa noite de chuva forte, com relâmpagos e trovões, que ouvi pela primeira vez ao redor de uma fogueira junto aos meus primos a horripilante história das almas penadas do açude grande contada pelo velho Manuel Rosendo, vaqueiro da fazenda Forquilha - propriedade do meu avô - e um dos maiores contadores de casos de assombração em toda a redondeza do vilarejo de Boa Fé.

Manuel Rosendo contava que o açude grande - aquele mundão de água - quando nos dias de cheia era atração garantida para os pescadores, os banhistas, os animais, e claro, para os moradores do vilarejo, sobretudo para as crianças que se divertiam, apesar dos perigos.

As histórias sobre as almas penadas do açude grande começaram há muito tempo, reforçava o velho narrador. Num antigamente que se perdeu. Exatamente no dia em que um casal de crianças, filhos do bodegueiro Zé Lins, Mariazinha e Pedrinho, sumiram misteriosamente dos olhos da mãe zelosa que sempre foi Dona Lúcia.

- *Zé me acuda! Me acuda! Não consigo achar os meninos, já procurei em tudo que foi canto, não sei onde diabos se meteram? Sumiram desde manhãzinha, quando fui estender a roupa no cercado. E além do mais tô com uns pressentimentos.* Entrou afita e aos gritos na bodega do marido Dona Lúcia.

- *Calma, mulher! Calma! Não fale em diabo, que isso atrai coisa ruim. Deixe de tanta besteira. Devem de está por aí nos terreiros, brincando com o menino do cumpadre Luis, eles aparecem já.* Respondeu sem demonstrar muita preocupação Zé Lins, tentado também dessa forma acalmar a mulher.

Deu noite e os meninos não apareceram, a mãe caiu nos prantos receosa de suas premonições.

Zé Lins fechou a bodega, foi acima e foi abaixo, e não deu vista de nenhum sinal dos dois filhos. E acabou por reunir todos os homens do vilarejo, que solidários ganharam os matos com lampiões acesos no caminho do açude grande, pois foram informados pela preta velha Nastácia que as crianças tinham sido vistas brincando na beira d'água no fim da tarde.

Os corpos das crianças foram encontrados por um pescador, boiando perto da parede do açude grande naquela mesma noite, enganchados numa árvore. Os olhos esbulhagados, a face carcomida pelos pequenos peixes e as marcas indistintas de machucados

espalhadas pelos corpos deixou todos atônitos e perplexos. Nunca ninguém conseguiu entender o que se deu com os filhos de seu Zé Lins. Teria alguém matado aquelas crianças e jogado os corpos na água? As crianças teriam ido nadar e se afogado? Nunca ninguém soube responder. E por que tragédia tão sofrida se abatera sobre aquela pobre família? Por que criaturas tão pueris teriam sofrido tanta violência?

O tempo passou.

E logo surgiram as primeiras histórias das aparições das almas das crianças à noite vestidas de branco com velas nas mãos na beira d'água do açude grande.

Zé Lins ficou sabendo das supostas aparições pelo cochichado de seus clientes na bodega, mas não acreditou naquilo até que sua mulher numa noite lhe disse na hora do jantar:

- Zé, eu vi nossos filhos. Eu vi nossos filhos mortos! Eles querem te ver.

O bodegueiro não conseguiu engolir mais nada. Insone, perturbado com as palavras da mulher ressoando na cabeça e a lembrança doída dos filhos.

Saiu de casa sem que ninguém o visse e seguiu no rumo do açude grande.

No outro dia pela manhã, suas roupas, sua faca e seu rosário que costumava carregar no pescoço foram encontradas numa canoa que vagava solitária no meio do açude.

O corpo de Zé Lins nunca foi encontrado.

Mas ainda hoje contam alguns pescadores mais antigos que ao pescar no açude grande em noite de lua alta é possível esbarrar com a alma do homem na canoa a perguntar por seus filhos, Mariazinha e Pedrinho.

Coronel Quincas e os urubus

Coronel Quincas era o fazendeiro mais rico e poderoso de Boa Fé, todos os sujeitos importantes do vilarejo lhe deviam favores ou lhe tinham temor: Padre Valdivino sempre lhe pedia que pagasse as reformas anuais e intermináveis da igreja Matriz; o Prefeito Barbosa lhe devia os votos e o Juiz Alberto lhe tinha tanto temor que se omitia diante das atrocidades e desmandos que o Coronel vivia a cometer. Mas o que ninguém sabia era que o poderoso Coronel tinha um ponto fraco: seu ciúme doentio por Luiza, sua jovem e bonita esposa.

Luiza era filha de um casal de pobres retirantes da região do Cariri, que fugindo da terrível seca de 1877, fizeram pouso nas terras de Quincas, mas não resistiram à terrível travessia em busca da capital, Fortaleza, e o pai morreu de uma picada de cobra. A mãe enfraquecida pela fome ao longo do caminho faleceu logo depois, deixando a pequena criança, de apenas 5 anos aos cuidados da Preta Nastácia, agregada e cozinheira da casa do Coronel Quincas, que afeiçoada a menina cuidou como se fosse a filha que nunca teve.



DOM

A mãe de Luiza antes de falecer pediu a Preta Nastácia:

- Em nome de Deus, minha preta velha Nastácia, cuide de minha filha e a deixe longe das maldades dos homens e do mundo.

E aos cuidados da Preta Nastácia, Luiza cresceu esbelta e angelical; o corpo faceiro de carnes firmes, morena. Provocando nos homens os instintos mais animais.

E o Coronel Quincas, velho viúvo e sem filhos, ainda de fogo vivo e aceso, logo lhe cresceu os olhos.

Luiza não demorou perceber o interesse do Coronel, e o modo como ele a perseguia pela casa. Seu corpo tremeu na primeira vez que o velho Quincas lhe fez juras de amor:

- Luiza, minha flor, posso fazer de você a rainha de toda essas terras de Boa Fé.

- Deixe disso, Seu Quincas, deixe disso, o senhor pode ter a mulher que quiser. Tenho muito respeito pelo senhor, viu... – Luiza respondia resistente aos apelos do Coronel.

Mas o Coronel Quincas não desistiu, e Luiza não conseguiu resistir, rendendo-se aos apelos do velho que lhe possuiu e fez dela sua esposa.

Nos primeiros tempos de casamento tudo correu bem, Luiza criou sentimentos pelo marido, se afeição a ele.

Não conseguia negar que gostava daquela vida, de ganhar presentes e ser exibida como uma bela prenda nos leilões, quermesses e festas sociais, diante daquela gente pobre e subserviente ao seu companheiro. Depois, o encanto inicial foi passando, Luiza começou a sentir-se sufocada, pois para onde ia era escoltada e vigiada pelos capangas do Coronel, até mesmo na missa e na confissão ao padre Valdivino era seguida.

O velho Coronel envelhecia à medida que o seu ciúme aumentava. E Luiza cada vez mais formosa, bonita.

Coronel Quincas passou a desconfiar que estivesse sendo traído por Luiza com o jovem vaqueiro Moacir. O Rapaz era filho de antigos moradores da fazenda, e fora criado desde menino brincando com Luiza nos rios, campos e matas. Caso era que Luiza tinha Moacir como um irmão, e se preocupava se ele estivesse doente, se já tinha almoçado, se não estava trabalhando muito. Mas nada além dessas efemérides.

Luiza era fiel ao Coronel.

Até que uma madrugada Moacir apareceu todo espancado no pátio da fazenda, vinha da vila de Boa Fé, onde tinha ido à venda de seu Faustino passar um recado e tomar umas cachaças, quando foi alvo de uma emboscada na curva da Pedra Bonita. Tentou escapar,

mas acabou caindo do cavalo, que espantado com os tiros ficou indomável. Levou uma surra de cinco cabras - armados de revolveres, peixeiras e cassetetes de jucás - que ao lhe baterem o tempo todo ameaçavam arrancarem os seus bagos, caso não deixasse de mexer com a mulher dos outros.

Moacir nada entendeu. Mas sabia que os homens que tinham lhe aplicado a surra eram capangas do coronel Quincas. Só não entendia o motivo. Será que ele teria se metido com alguma quenguinha do Coronel?

Luiza soube do acontecido, e o instinto logo lhe fez intuir que era coisa do marido:

- *Quincas, você não tem nada com o caso do Moacir, isso não é coisa sua, é?* – Mesmo com medo, Luiza ainda ousou perguntar, ao que o velho Coronel nada respondeu.

Dois dias depois o vaqueiro Moacir foi encontrado morto, nas encostas do curral, amarrado debaixo de um pé de umburana, com os bagos cortados. E a partir daquele dia o coronel proibiu Luiza de sair de casa sem o seu consentimento, e de forma alguma desacompanhada.

Luiza ficou aos prantos, adoeceu, entristeceu, se amofinou. Pensou em fugir, recomeçar em outro canto, mas como? Era muito vigiada. A vida foi perdendo o sentido.

Como poderia ela viver ao lado de um homem tão cruel?
Questionava-se.

Luiza sempre suspeitou das maldades que o marido ou-sava cometer, mas aquilo lhe era distante, e assim mes-mo não tinha certeza, mas agora era diferente, Moacir seu amigo estava morto.

Passado um mês da morte de Moacir, comovida e despro-vida de sentido na vida, a única solução que achou foi to-mar veneno e fugir daquela prisão. E que Deus a perdoasse no outro mundo.

O velho coronel Quincas nada sentiu com a morte da es-posa, se ela não queria viver com ele, satisfizer-lhe as vontades, submeter-se aos seus caprichos que morresse mesmo. Que falta lhe faria? Nenhuma.

Mas após o sepultamento de Luiza o velho passou a ser perseguido dia e noite pelo espírito da esposa que lhe surgia com as carnes carcomidas, e os olhos vermelhos, incendiados, diabólicos, vestida de branco, dizendo que ia se vingar, que ele era o culpado pela sua morte, e que arderia no fogo do inferno. Quincas não conseguia mais dormir, tinha alucinações; ao deitar às vezes achava que estava sendo atacado por centenas de ratos, noutras que seu corpo estava pegando fogo, as alucinações eram tão reais que o velho chegava a sentir o cheiro e o calor de sua carne queimando.

Os empregados achavam que o velho Coronel tinha enlouquecido, cochichavam, conspiravam pelos cantos, mas nada ousavam lhe dizer. Todos ainda lhe tinham muito medo.

Até que um dia ao despertar, o sol raiando, o coronel Quincas vestiu seu terno, calçou as botas e colocou seu chapéu, olhou-se no espelho. Deteve-se ali por um instante. Apesar de velho, ainda era o poderoso Coronel Quincas, não tinha nada que pudessem contra suas vontades. Ainda tinha o poder. Então, depois, decidido se dirigiu até ao cofre e pegou o revólver, caminhou lentamente para o meio do pátio da fazenda apoiado na bengala. Olhou para um lado, olhou para o outro, estranhamente não tinha viva alma ali àquela hora. Lamentou, pois não teria testemunha do seu último ato.

61

Levou o revólver a boca e disparou.

Em poucos minutos centenas de urubus desceram sobre seu corpo morto.



Sobre dentes

Zélia Sales

Minha mãe dizia que dentes davam trabalho a vida toda. Os irmãozinhos amargavam diarreias, febres, micoses e umas tantas outras reações provocadas pela dentição. Varavam as madrugadas chorando, as gengivas em fogo. Depois, as dores de dente. Não tínhamos dentes caria-dos, tínhamos dentes podres. No dentista, dava vontade de dizer: “Escolha.” Quase não sentíamos vergonha, o medo era maior.

Sáíamos bem cedinho, um lençinho dobrado na mão, para pegar uma ficha na prefeitura. Acordávamos cedo, antes de todos, saíamos sem tomar café, para não correr o risco de ficarmos sem ficha. No fundo, lá no fundo, torcíamos para que isso acontecesse, ou que o dentista, o *doutor*, faltasse ao trabalho naquele dia. Depois, com o papelzinho carimbado, tínhamos de passar na barbearia para que meu pai nos desse o dinheiro das anestésias, duas pra cada. A prefeitura, numa crônica contenção de despesas, alegava não dispor de verba para os anestésicos. Meu pai fazia cera, terminava uma barba ou um cabelo, ficava de costas agar-rado às cédulas mirradas escondidas no fundo da gaveta. Reclamava, como sempre: “Pra que duas?, vão arrancar é tudo!” Então íamos pra farmácia e depois tínhamos de

voltar lá com o troco. Quando chegássemos ao consultório, a fila já estaria enorme, ficaríamos pro fim.

Na antessala havia um banco de madeira onde cabiam umas seis meninas, parece que só as meninas tinham dores de dente. Havia outras esperando de pé, escoradas nas paredes. Havia ali mais de dez pares de chinelinhas. “Tá com medo?”, perguntávamos umas às outras. Algumas, fingindo gentileza, cediam a vez, “Pode passar na minha frente...” Queria que chegasse logo a minha vez, me ver livre daquilo, mas... “Não, pode ir.”

Um homem sem mãos e sem rosto, de jaleco branco, de luvas, de máscara, de óculos. O braço pesado. Senti a agulha enorme rasgando minha gengiva, tocando o osso, parecia atravessar meu nariz, o gosto travoso de sangue na boca. Uma lágrima desceu queimando minha cara. Ele não via nada, não sentia nada, conversava com a atendente sobre um garrote que havia nascido na fazenda. O alicate, o puxão, minha cabeça indo junto, um tufo de gaze. “Pronto, a próxima”. Me empurrou pela nuca cadeira afora. Tinha a sensação de que havia um coco dentro da boca.

A próxima era a minha irmã, menor, nos encontramos na porta, seus olhos amarelos, enormes, procuravam conforto nos meus, úmidos. Nossas almas espantadas, mudas, gritavam de pavor.

Sáimos de lá quase meio-dia, o sol tinindo no queixo dolorido. Aqui acolá, uma parada, uma cuspidada, o sangue

misturado com uma gosma amarela que formava um fio resistente entre os beijos e o lenço. Queria lhe dizer que não cuspiasse com força, podia dar hemorragia, mas o tufo de gaze havia crescido dentro da minha boca, ameaçava fechar a garganta. Com uma mão ela segurava contra o queixo o lenço já todo emporcalhado, com a outra tentava tirar da boca uma mecha loura de cabelo ensanguentado.

Em casa, corremos para o espelho, pendurado na parede da sala. Havia sangue ressecado em nossa cara. Alisávamos a pele ainda adormecida, abríamos a boca, conferíamos o estrago. Minha mãe perguntou se doeu? Mas foi taxativa, “Nada de brincadeira, de correria, de subir em ateira, de tomar banho no rio. Os meninos vão botar água hoje e amanhã.”

65

Pelo menos por dois dias estaríamos livres da obrigação de carregar água para encher os potes. Livres das latas de querosene que comportavam dezoito litros d’água. Livres do esforço, do desconforto, livres da cara de má vontade da dona Estelita, que nos cedia a água de beber, livres da submissão, da humilhação diária, do cuidado extremo para não molhar a casa da mulher, nos vigiando como um cão.

Nossos olhos se encontraram, aliviados. Com nossas bocas tortas, sorriamos, cúmplices, felizes.



Retrato em preto e branco

Na Casa dos Ex-votos, as paredes forradas de fotografias. Procuo uma em preto e branco em que aparece uma mulher de vestido florido ao lado de uma menina usando um hábito franciscano. Ao fundo, a imagem da Basílica de São Francisco das Chagas. A mulher sorri enquanto segura a saia contra a coxa impedindo que o vento a levante. A pequena, seis anos, tem os olhos fixos na câmara, redondos, assustados.

67

Mas as fotografias me parecem tão iguais... Em muitas delas há um painel semelhante àquele, preso na minha memória, e pessoas vestidas naquela roupa estranha, com aqueles olhos de susto.

Não tenho pressa, procuro minha mãe com seu vestido florido e seus olhos escuros, queria decifrar o que eles diziam naquele instante, queria entender seus motivos. Por onde anda? Será que pensa na menina de pés descalços, carregando aquele hábito pesado como uma cruz? Carregando até hoje.

Tudo aconteceu faz tanto tempo... Quinze... Vinte anos?

Subimos, eu e minha mãe, no pau de arara. Íamos a Canindé, pagar uma promessa feita pela minha avó nos dias sombrios em que o sarampo ameaçava me levar pra cova. Escapando, eu iria até a Basílica de São Francisco das Chagas vestida no traje (minha avó dizia *trajo*), assistiria à missa e em seguida, na Casa dos Ex-votos, deixaria a roupa e um retrato como prova do cumprimento da promessa.

Era noite alta. Ouvia-se apenas o barulho do motor e do vento batendo contra o encerado que cobria o caminhão. De pouco adiantava: o vento frio nos endurecia as juntas, ameaçava levar nossas roupas, nossos cabelos. Éramos bichos noturnos, estáticos, silenciosos, indefinidos na escuridão da caatinga.

Já era manhã quando o caminhão parou ao lado de um galpão que servia de abrigo para os romeiros. Sentia-me meio zozna, da viagem, do burburinho. Primeira vez tão longe de casa, primeira vez tanta gente junta. Os homens saltaram; as mulheres seguravam as saias, desciam por uma escadinha apoiando-se na boleia. Ainda agarrada às tábuas, de cima do caminhão, vi minha mãe no meio das pessoas ajeitando o cabelo, alisando as pregas do vestido. Dirigia-se a um e outro como se fossem velhos conhecidos, ria. A carroceria foi se esvaziando. Queria chamar por ela, mas havia um barulho estranho dentro e fora da minha cabeça. Foi então que ela deu-se conta

de mim. A pedido dela, um caboclo me pegou por baixo dos braços e me colocou no chão. Senti as pernas meio dormentes, meio bambas, me desequilibrei. Ela me segurou forte pelos ombros e cresceu os olhos sobre mim: “Que foi?, vai cair?”

Seguimos no meio da multidão em direção à igreja, em grandes passadas, uma afobação sem motivo, eu mal via as coisas à minha volta. Aquela roupa escura, pesada, áspera dificultava os movimentos, prendia minhas pernas. Agarrava a mão da minha mãe, mantinha os olhos baixos, via apenas as pedras do calçamento e uma infinidade de pernas que se confundiam.

Enfim a igreja, um mundo de gente. Agora podia ver que todos tinham a mesma cara de barro cozido, os mesmos olhos de súplica, o mesmo cheiro de carne de sol. Não havia mais lugar onde sentar; além disso, fazia um calor infernal, e uma profusão de vozes, preces, ladainhas, cantos, choro de crianças ecoava nos meus ouvidos. Quanto tempo durou aquele pesadelo?

Quando terminou a missa, a multidão que chegava para a próxima nos atropelava. Descemos a rua, o sol nos castigando, o hábito me pesando como uma cruz, minha mãe me arrastando pela mão. Eu me sentia sufocada, reclamava de sede. Numa banquinha de café escorada em um muro sob um toldo estreito, enfim minha mãe me conseguiu água. Tomei um, dois, três canequinhos. Ela bateu o pezinho, impaciente: “Vai secar o pote da mulher?”

Ali mesmo, sentadas na calçada, dividimos os pedaços de galinha com farofa que ela havia preparado de véspera. Foi então que ela percebeu: “Cadê suas chinelas?” Havia perdido uma delas ainda na ida, a outra devia ter ficado na igreja. Ela me olhou daquele seu jeito que me deixava feito um monte de cocô de vaca. Me torci, me encolhi, murchei, e ainda limpei na veste as mãos engorduradas. Aí senti o cascudo queimando, mais que o sol, minha cabeça.

Agora era caminhar descalça pelo resto do dia sobre o chão de pedras em brasa. Mas pelo menos, depois de tirar o retrato, eu iria enfim me livrar daquela roupa. A dona da banca falou de um retratista bom ali perto. Havia muitos deles com seus estúdios improvisados nas calçadas. Aproximamo-nos de um que tinha um cavalinho em que as crianças poderiam montar para serem fotografadas usando um chapeuzinho de vaqueiro, “cortesia da casa”. Fiquei encantada com o cavalinho, branco, com a sela e todos os arreios, a crina, os olhos de vidro... Parecia de verdade. Mas minha mãe disse que era um retrato só, que era caro, que eu já era uma cavalona pra montar naquele brinquedo, que era para pagar a promessa, que não era para brincadeira, que... Perdi a graça, mas outra vez engoli o choro.

Ali havia sido montado um painel de compensado coberto com uma camada de tinta de um azul forte. Um desenho primitivo da Basílica de São Francisco, a mesma onde assistimos à missa, e ao lado da igreja a imagem do

Santo, igualzinha à que tinha visto no altar, com o hábito marrom, a corda branca na cintura, os pés descalços em chagas. Minha mãe acertou o preço com o rapaz, que lhe ofereceu um pente e ainda ficou segurando um espelho para que ela arrumasse o cabelo. Ela sorria para o espelho, para o rapaz, seus olhos brincavam. Foi então que vi nele o bigodinho aparado, o dente de ouro brilhando ao sol. Eu fervia por dentro do *trajo*, eu fervia por dentro.

O magrelo pediu que ficássemos na frente do painel. Pegou minha mãe pelo braço, conduziu-a como se para uma dança. “Aqui... assim... isso.” Minha mãe, maleável no seu vestido acinturado, leve, colorido. Então ele se afastou, posicionou-se, mas voltou pisando macio para ajeitar um tantinho de nada do cabelo dela. Recuou novamente. “Não se mexa.” Foi então que ela: “Ah! mas tem a menina!... Anda!” Ela ainda estava aborrecida!? Eu fui. Segurou minha mão. Foi então que, vindo não sei de que profundezas, um vento morno como um bafo ameaçou levantar-lhe a saia, e ela soltou minha mão para conter a roupa.

71

- Pronto.

Ali mesmo desamarrei o cordão da cintura e tentei tirar a túnica. Por um instante fiquei cega, o pano escuro, quente, pesado, preso na minha cabeça, cobrindo-me o rosto. Ouvi que falavam, riam. Vieram os dois em meu socorro. No meio da tarde o retrato estaria pronto, daria tempo levá-lo junto com a veste para a Casa dos Milagres. E minha avó estaria, enfim, quite com seu santo de devoção.

Resolveu que aproveitaríamos a tarde para irmos ao zoológico, enquanto o moço terminava o serviço, não era? Zoológico? O que é isso? E ela, entusiasmada, e até doce, me explicava com todas as letras: porque a onça, porque o jacaré, porque os macaquinhos tão engraçados!... Ave maria, mas por que ninguém disse nada? E o pessoal do caminhão sabe disso? Ora, é certo que todos vão pra lá.

E diante dos macacos sonolentos e da onça faminta, eis que aparece, arrastando-se sinuosa e sorridente, a serpente, exibindo o dentinho de ouro polido. Agora ele usava uns óculos escuros. O que esse abestado tá fazendo aqui!? Veio entregar o retrato, ora. E naquele outubro, naquele sertão, a primavera desabrochava no vestido florido da minha mãe, nos seus olhos faceiros. Ela encostou-se no alambrado como se estivesse muito, muito cansada, esticou preguiçosamente o braço, tirou os óculos da cara do sujeito e colocou-os no dela. Passeou os olhos pelo parque, depois olhou de frente pra ele: "Superbacana!" Superbacana!? Onde ela tinha aprendido aquele nome? Onde estava minha mãe e seu varal de roupas cheirosas, suas painéis areadas, seu canteiro de cheiros verdes?

Quando saímos dali, fizemos o longo percurso até o galpão onde estava o caminhão. Algumas pessoas já retornavam, se acomodavam arrumando suas sacolas, muitas haviam comprado terços, velas, quadros com a imagem do Santo, estatuetas. Ela me ajudou a subir. "Fique aqui, que eu vou deixar o traje e o retrato na Casa dos Milagres." Queria contestar, dizer que eu deveria ir junto, que fazia parte da

promessa, que não queria ficar ali com aquela gente... Mas eu estava tão cansada, meus pés estavam em frangalhos... E ela não gostava de ser contrariada.

O sol começava a descambar.

No caminhão um burburinho feliz. O motorista fez a contagem dos passageiros, só faltava minha mãe. Sentadinha no lugar em que ela me pôs, aguardava quieta, apavorada. Via seu vestido, seus cabelos em todas as mulheres que passavam por ali. Comecei a chorar, primeiro baixinho, depois aos berros. O motorista, inquieto, aborrecido, dava voltas em torno do carro; o povo tentando adivinhar o que tinha acontecido. Um rapaz se prontificou a ir até a Casa dos Ex-votos, iria atrasar a viagem, mas não houve quem discordasse. Foi então que uma mulher comprida e ossuda me deu o soco no estômago: “Ela num vem. Me dixé lá na Praça que talvez num vortasse mais a gente. Que intregasse a minina pra famia dela.”

75

Então o motorista entrou na boleia, bateu a porta e deu partida.

Na carroceria daquele caminhão, as vozes abafadas sob o encerado zuniam como uma nuvem de abelhas na minha cabeça, todo mundo me olhando como se eu fosse uma assombração. Chorei, chorei até não aguentar mais e dormir de tristeza e cansaço, resvalando sobre o colo de uma velha que cheirava a rapé, de instante em instante acordando de um pesadelo para cair noutro.

**Os
podcasts
e a
literatura**

Por Rubens Rodrigues

"A escuridão cai sobre a terra
A hora da meia-noite está próxima
Criaturas rastejam em busca de sangue
Para aterrorizar sua vizinhança
Quem quer que seja encontrado
Sem uma alma para oferecer
Deve permanecer e enfrentar os caçadores do inferno
E apodrecer dentro de um cadáver"
(Rod Temperton)

O poema obscuro de Rod Temperton é parte de uma peça fundamental na história da cultura pop. Era 1982. No Brasil, nasciam bandas emblemáticas do rock como Legião Urbana e Titãs. Foi, também, um ano de partida para Elis Regina e Adoniram Barbosa. O escritor e jornalista colombiano Gabriel García Márquez, o Gabo, ganhava o Nobel da Literatura pelo conjunto da obra. Enquanto isso, Michael Jackson fazia o que sabia fazer de melhor: revolucionava a indústria pop.

O vídeo clipe de “Thriller” é um marco em muitos aspectos e utilizou de uma ferramenta muito comum na música pop para dar mais corpo e estabelecer uma atmosfera soturna para a canção: o rap. Mas Michael mudou um pouco as coisas e transformou o rap escrito por Rod Temperton em poema na voz Vincent Price, ícone do cinema de terror do século XX. Uma decisão importante para absolutamente tudo o que viria dali para a frente na música.

Mas o que isso tem a ver com a literatura? É de Vincent o rosto e a voz de personagens que marcaram o cinema B nos anos 1970 e 1980. Muitos deles adaptados da obra de monstros sagrados da literatura como Edgar Allan Poe, a exemplo de clássicos como “A Queda da Casa de Usher” e “O Poço e o Pêndulo”.

Brincar com as possibilidades da literatura é o que há de mais clássico na arte. E é desse movimento que nasce

um produto como o Antologia. E se convidássemos uma atriz de representatividade para entoar contos? E se ela for cearense? E se os contos forem de autores cearenses? E independentes? Esse “e se”, aliás, é quase uma regra da ficção, onde tudo é possível.

A PodPesquisa 2018, realizada pela Associação Brasileira de Podcasters (ABPod) com a CBN, recebeu mais de 22 mil respostas de ouvintes, produtores e não ouvintes de podcasts. O relatório mostra que o Ceará é o nono estado onde mais se escuta o formato no Brasil.

32,7% dos ouvintes têm ensino superior completo e a maior parte deles trabalha com tecnologia e educação. A categoria que engloba cinema, séries e TV detém 64% dos ouvintes. A cultura pop, 62,7%; enquanto 31,3% dos ouvintes procuram ouvir sobre histórias em quadrinhos. Não é nenhum exagero dizer que a literatura transita entre todos esses assuntos.

Há uma essência política evidente quando se fala em projetar autores independentes. E há uma força criativa e muito própria para dar palco e espaço a esses escritores. Daí costurar as possibilidades da literatura que deságuam nessa característica simbólica quando colocamos, lado a lado, ficção e jornalismo. Não é sobre contar histórias do Ceará. É sobre difundir. É sobre descobrir quem está produzindo literatura e jogar sobre eles os holofotes. Ou os microfones.

O poeta Manoel de Barros expôs certa vez, à época da Ocupação Manoel de Barros, sua capacidade de fugir do microfone como quem se esconde do pior. Disse a uma jornalista que nãoalaria “com ferro” quando se viu diante de um microfone. O objeto, no entanto, era de plástico. “Mudei a frase. Pois então eu não falo com plástico. (...) pedi ao Ivo Barroso que me deixasse ler os poemas sozinho. Só na presença dos técnicos. Minha inibição é pra falar em público”.

Pois aqui, escritor nenhum há de sofrer a dor de não ter falado o que queria, como lamentou outrora o cuiabano. Deixemos correr as palavras. Ainda há o que desaguar.

*Rubens Rodrigues é jornalista. Repórter do O POVO desde 2015, cobre assuntos ligados a Cidades, Cultura e Segurança Pública para o digital e jornal impresso, além de coberturas para a rádio O POVO CBN, incluindo rede nacional. Entrou na podosfera entrevistando artistas da música nacional no Fora da Ordem. Produziu também o Recorte, primeiro podcast jornalístico diário do Ceará, e o Antologia. Em 2018, integrou as equipes que venceram o Prêmio Gandhi de Comunicação e o Prêmio CDL de Comunicação. É pós-graduando em Jornalismo Digital pela Estácio de Sá.

Ouçá os episódios do podcast Antologia



#01
Sobre dentes
(bit.ly/2JMu28B)



#02
**Errar é humano
e Segredo**
(bit.ly/2GppGlw)



#03
**As almas penadas
do açúcar grande**
(bit.ly/2O9IXiv)



#04
**Dezesseis pobres
primaveras**
(bit.ly/2JVdb2o)



#05
**Eu sinto medo e
Jaguaribe, beira de rio**
(bit.ly/2Odp8G3)

En tre vis tas

80



Antônio LaCarne

Letras&Livros - Você acredita que o conto é apenas um ensaio para produzir um romance?

Antônio LaCarne - É uma teoria que faz sentido e que, ao mesmo tempo, pode soar inconsistente, pois há narrativas — inclusive mais complexas — que são desenvolvidas de forma excepcional através de contos, mas que não funcionariam em romances. Acredito que são critérios muito subjetivos, não existe uma fórmula. Quando penso demais sobre isso, me vem a vontade de tomar uma fluoxetina.

Letras&Livros - Como um jovem autor consegue divulgar sua obra em Fortaleza? Qual a importância da internet para estreitar relações com o mercado?

Antônio LaCarne - A internet é a principal forma de divulgação do meu trabalho, além do boca a boca e da minha relação com outros autores e leitores. A “logística” dessa relação segue na base da cumplicidade, da acessibilidade entre escritor-leitor, e da própria repercussão que os textos causam, gerando convites para

publicação em suplementos literários e participação em antologias. É um processo genuíno, onde eu tento me esquivar da megalomania de *persona* escritora, dando prioridade ao texto, como resultado final do que eu produzo. Não consigo ser *poser*.

Letras&Livros - Você também é professor de língua inglesa. Como essa experiência permeia a tua escrita? Há contos teus sobre a sala de aula?

Antônio LaCarne - Existe uma diferença entre o Antônio professor e o Antônio escritor. Em sala de aula, trabalho com o intuito de incentivar a leitura e a escrita. O resultado é bem satisfatório, pois a maioria descobre um gosto pela leitura, até então não potencializado. Acredito que tudo é uma questão de abordagem positiva. No momento, estou trabalhando em contos que tratam do universo adolescente, inclusive em sala de aula.

Letras&Livros - Você já participou de várias antologias — incluindo *A polêmica vida do amor*, da editora Oito e Meio, em 2011; *A nossos pés*, da editora 7Letras, em 2017; *Golpe: antologia-manifesto*, da Nosotros Editorial, também em 2017; e *Rotatórias*, da Galeria Sem Título Arte, em 2018. Como o coletivo fortalece a literatura que você produz e qual a importância de estar inserido em livros com autores e autoras tão diversos?

Antônio LaCarne - Coletivos fortalecem a literatura, pois todos seguem num mesmo objetivo, que é contribuir, de alguma forma, com a produção literária contemporânea; dar

vez e voz aos autores que ainda não têm a possibilidade de publicação de um livro solo, em muitos casos. É a união de forças que gera um material rico de experiências, estilos e de diversidade cultural. Cada um descrevendo e registrando, a seu modo, o mundo que nos rodeia.

Letras&Livros - *Salão Chinês*, que foi lançado pela Editora Patuá em 2014, é um livro que teve bastante projeção. Como foi o processo de construção dele?

Antônio LaCarne - O livro surgiu após um processo de auto-descoberta em relação ao ato de escrever. Textos que são uma espécie de catarse do amor que não deu certo, e das possibilidades de retomar a vida após uma crise existencial e amorosa. Construí o livro como uma colcha de retalhos, onde eu inseria trechos de diários, poemas, fragmentos, cultura pop, contos, frases de efeito, sob a perspectiva de uma pessoa ferida; por isso tantas pessoas se identificaram com a obra. Além de ser minha contribuição para a literatura de temática *queer* nacional.

Letras&Livros - Há uma tensão quando uma obra é lançada? Como você lida com o nervosismo e com a exposição da tua escrita?

Antônio LaCarne - Existe sempre uma expectativa pessoal em lançar um novo trabalho, porém tal expectativa não vai de encontro à repercussão que o livro provavelmente irá causar. Com o meu atual livro de contos, *Exercícios de Fixação*, a reação das pessoas e da crítica tem sido positiva, o que é uma grande surpresa e motivação. A possibilidade de produzir artisticamente, utilizando as minhas subjetividades e

as minhas experiências pessoais, é uma gota de salvação em meio a essa pós-modernidade que oprime e deprime.

Letras&Livros - Quando você criou a persona Antônio LaCarne e qual o significado dela?

Antônio LaCarne - Antônio LaCarne é a persona que assina os textos e a que se utiliza de experiências vividas e forjadas, diante de contos e poemas que vou construindo quase que diariamente. Surgiu como um ato de revolta, pois em todos os meus textos existe um desconforto ali plantado, uma ânsia de reverter o momento, reverter as pessoas, reverter as máscaras. É como se, além de evidenciar a ferida como algo feio, eu quisesse transformar a ferida em algo belo. Textos que se resumem em fragmentos apocalípticos do instante.

84

Letras&Livros - Autor e narrador costumam se confundir na tua escrita?

Antônio LaCarne - Sim, não posso negar isso. Escrevo me utilizando de experiências vividas, ao mesmo tempo tentando recriá-las literariamente, sem medo de me expor, o que também não significa que eu seja um escritor confessional. Todos os meus contos e poemas são exercícios de autoficção. O meu mantra para produzir literatura é o seguinte: a vida é um *fist fucking* cravejado de diamantes pontiagudos. O que é verdade e o que é mentira, só eu sei.

Argentina Castro

Letras&Livros - Apenas este ano, você já publicou textos em dois livros antológicos: *O Paginário*, publicação do Selo Aliás, e *O Olho de Lilith*, publicação do Selo Ferina. Essas duas casas editoriais são feitas por e para mulheres. Qual a importância das mulheres se unirem em torno da literatura que produzem?

Argentina Castro - As mulheres gestam o mundo, dão vida a ele, fazem a roda girar. Mas, nas sociedades patriarcais, são diariamente preteridas em muitos aspectos e em muitas circunstâncias. Assim também é com a arte de maneira geral, e com a literatura, de forma específica. Um dia, eu contei quantos livros escritos por mulheres tinha na minha estante. Eu não lembro ao certo, mas era um número significativamente inferior ao número de autores homens. E eu só contei por ter sido “cutucada” por outra mulher, ao ler uma postagem numa rede social. Levantei e fui contar. Aquilo me gerou uma angústia enorme e esse incômodo acabou instigando, em mim, através do que essa outra mulher escreveu em forma de questionamento, uma mudança de comportamento. Eu passei a comprar

mais livros de mulheres para ler, passei a comprar qualquer outra coisa priorizando que seja a mulher a pessoa beneficiada com meu consumo. Se estou nessas coletâneas, devo a essas outras mulheres mais experientes no campo da literatura que acreditaram em mim, na minha escrita, na minha sensibilidade. Elas foram uma espécie de “parteiras” literárias (tem ofício mais lindo que esse?), fizeram botar a cara no mundo o que eu já escrevia, mas guardava em gavetas.

Letras&Livros - Você participou de alguns cursos de escrita criativa promovidos em equipamentos públicos da capital cearense. Como essas formações foram importantes para a escritora que você se tornou?

86 **Argentina Castro** - Se as escritoras estão pensando em fazer formações e oficinas de escrita criativa, de escrita afetiva, publicação direcionadas somente para mulheres, é por saberem do potencial, muitas vezes escondidos, de outras. Gosto de imaginar que somos todas bruxas (e somos!) e que nos conhecemos de longas datas. A escrita é uma espécie de reencontro de “deusas, loucas, feiticeiras” cujo caldeirão entra em ebulição cada vez que uma de nós começa a jogar o jogo da escrita. E é um jogo lindo e fértil. Jesuana Sampaio, Mika Andrade, Anna K. Lima, Nina Rizzi, Isabel Costa, Lisiane Forte, Ayla Andrade e Sara Síntique são exemplos de mulheres que estão contribuindo para minha formação, mesmo que eu não esteja em sala de aula com elas. Elas me formam em um duplo movimento: como mulher e como escritora. Embora mais velha que algumas, elas só me ensinam.

Letras&Livros - Sua casa acabou virando um equipamento cultural para as pessoas do bairro onde você atualmente mora e passou boa parte da vida. Como é o trabalho realizado por você na biblioteca comunitária Papoco de Ideias?

Argentina Castro - É um trabalho lindo, dinâmico, difícil, suado, não remunerado. É um trabalho intelectual e braçal ao mesmo tempo. Mas, antes de tudo isso, é um sonho em processo. Minha mãe Celeste é a deusa maior desse caminho. Permitiu que nossa casa fosse invadida, no bom sentido, por crianças que chegam a ser 60 em dia de grandes eventos. Mas podem ser 40 em dias de eventos de médio porte; podem ser 20 nos pequenos eventos; podem ser uma, duas, três. Nossa meta é fortalecer emocionalmente esses pequenos, que eles cresçam sentindo que são capazes, que são inteligentes, que são importantes, que são lindos e lindas.

87

Letras&Livros - E como as vivências do teu bairro se entrelaçam na tua literatura?

Argentina Castro - O que escrevo está totalmente permeado pela minha vivência, da vida toda, em um território de exclusão. Sou ladeada pelo Pici, Planalto do Pici, Bela Vista, Malvinas, Riacho Doce e claro, o Papoco, minha “quebrada”. Foi na favela do Pacoco que aprendi sobre exclusão e desigualdade social, sobre ausência de políticas públicas, sobre desemprego, exploração sexual infanto/juvenil, uso e vendas de drogas, fome, discriminação, violências simbólicas e físicas. Então, quando escrevo, eu aciono memórias difíceis, mas também as mais belas, as de luta e resistência. Aciono a menina, a adolescente, a jovem e, também, a quarentona

que mora nesse corpo, esse corpo que mora no Papoco e que cruza, todo dia, suas ruas.

Letras&Livros - Você sente falta de ter um livro para chamar de seu?

Argentina Castro - Sim. É muito lindo compartilhar texto com outras pessoas, conheci gente linda pra caramba, gente que enfrentou situações devastadoras, gente forte e sensível que me ensina, me fortalece. Mas eu tenho sim vontade de ter um livro para chamar de meu e um amor pra chamar de meu também (*risos*). Canceriana que sou, sou bicho apegado, adoro um pronome possessivo (*risos*). Mas, para isso, eu preciso me organizar, pegar tudo o que tenho guardado em diferentes suportes (caderno, agenda, guardanapo, e-mail, redes sociais). Antes disso, preciso ler mais, escrever mais, estudar mais.

Letras&Livros - Qual é a dificuldade para um autor iniciante publicar?

Argentina Castro - Eu não tenho intimidade com as burocracias dos editais. Não tenho paciência para esse tipo de leitura que me impõe uma série de normas, regras, documentos. Por outro lado, também, não tenho dinheiro. Está difícil no meu caso (*risos*), mas quando você vê esse universo em expansão chamado editoras e selos independentes, isso gera uma coragem, uma vontade de acreditar que será possível. Se não fosse(m) essas pessoas que entendem

dos trâmites da confecção de um livro e que resolveram fazer escoar e ecoar esse conhecimento em forma de produção literária (de tantos bons autores que estavam escondidos, produzindo trabalhos de tanta qualidade e beleza), eu não sei se esse sonho, um dia, ia para frente. Eu não tenho muito traquejo com editais, não tenho interesse em desvendar esse mistério (*risos*). Não entendo de programas de edição de texto e imagens que possa, a partir deles, produzir um livro. Eu ainda estou aprendendo a escrever, que dirá fazer um livro assim de verdade (*risos*). Preciso, de fato, deixar essa tarefa nas mãos de pessoas capacitadas para tanto.

Letras&Livros - Argentina, qual é o teu ritual de escrita? Você escreve todos os dias?

Argentina Castro - Ando de ônibus em Fortaleza e, ocasionalmente, de carro. Embora o estresse seja grande para enfrentar o dia a dia em transporte público na quinta maior capital do país, esses momentos estão se consolidando como momentos de profunda inspiração. No ônibus eu observo, escuto histórias, causos, sinto calor, me irrita, às vezes choro, converso com motorista, cobrador (figura rara hoje em dia) e passageiros. Digo sempre que meu ouvido é de fofqueira. Ando sempre atenta a tudo. E tudo isso vai se transportando para o meu celular. Essa tecnologia tem ajudado bastante nesses momentos de inspiração. Não perco o texto que chega, a não ser que o celular esteja descarregado.

Letras&Livros - Há um certo preconceito circulando os contistas, que são frequentemente acusados de estarem ensaiando para escrever romances. A sua literatura é um ensaio?

Argentina Castro - Não. Não estou ensaiando nada! Minha escrita é grande! Eu digo o que quero e o que preciso dentro de um texto pequeno. São processos distintos e cada texto tem seu valor e diz para que veio. Não é tarefa fácil escrever um conto! Estou satisfeita com o tamanho dos meus textos, com a quantidade de personagens, etc e tal. Mas, se um dia bater vontade ou curiosidade de experimentar o processo de construção da escrita de um texto mais longo, com as características de um romance, eu o farei. E o farei sem achar que um conto é algo menor. O conto só é menor no tamanho, mas não no que ele diz ou significa. Não tenho essa pretensão de escrever um romance.

Ayla Andrade

Letras&Livros - Como a tua vivência como assistente social impregna a tua literatura?

Ayla Andrade - Não acredito que impregna minha literatura, mas me serve como fonte de pesquisa, de inspiração, de pé no chão, de observação da realidade e do cotidiano das pessoas. As coisas corriqueiras como os maneirismos, o jeito de falar, a organização do lar, aquele sofá azul encostado na parede amarelecida... Todas essas coisas me dão muita vontade de escrever, de expressar o que sinto e vejo. E, claro, que como assistente social, uma profissão eminentemente voltada para o estudo e atuação direta na luta de classes e para a superação do capitalismo — e se não o é na prática, deveria ser. Tá lá no nosso código de ética — todos os contextos e desafios se impõem ao que penso, e em como devo conduzir minha ação e, por fim, o que me chega, o que sinto, as pessoas e seus dilemas acabam sendo um material visceral para a minha escrita. Claro que filtro, depuro... Nem tudo pode ser relatado, o atendimento e o material colhido são sigilosos, mas a impressão, o

sentimento, o olhar daqueles com quem converso ficam reverberando em mim por dias... Fatalmente viram uma personagem, um início de história ou fim.

Letras&Livros - Aqui no Ceará são poucos os escritores que podem se dedicar exclusivamente ao ofício da literatura. Você, por exemplo, tem o trabalho como assistente social, além das obrigações cotidianas que todos nós temos. Como ter tempo — e, digamos, inspiração! — para escrever mesmo tendo que conviver com as burocracias e o cansaço?

Ayla Andrade - A gente faz os corres... Muitas vezes, a inspiração surge e consigo escrever em celular, no guardanapo, no caderninho... Às vezes, somente um frase ou outra para que depois eu complete um conto, um poema, uma crônica. Às vezes, acho que será um gênero e na verdade sai outro... Muitas vezes coloco o filho pra dormir e na madrugada produzo bem e muito, mas não consigo fazer isso todo dia. Na hora dos prazos apertados num instante a gente vence a burocracia.

Letras&Livros - Como é o teu ritmo de escrita? Consegues escrever todos os dias?

Ayla Andrade - Não. Tenho os tempos, as vontades, os desejos e aí escrevo. Guardo por um tempo as palavras, as imagens e aí, em algum momento, o poema ou o texto saem. Consigo ler todos os dias, serve?

Letras&Livros - E como criar personagens e espaços que funcionem para o leitor dentro da estrutura de um conto — que é, naturalmente, um texto mais curto?

Ayla Andrade - Eu não costumo ter uma técnica específica para a criação de personagens ou de ambientações, o conto vai se construindo a partir, sempre, de variáveis diferentes... Geralmente as cenas do cotidiano, o simples, é o que me atrai, o que me comove... E então vou tecendo uma teia de acontecimentos, de falas... Às vezes, tudo de uma vez só; às vezes, demoro semanas conversando com aquele personagem ou fazendo ele conversar com outros personagens até que a história, a trama, o mote, seja lá o que está na cabeça e no peito, saiam.

Letras&Livros - Escrever é sofrer?

Ayla Andrade - Poesia, sim. Não sei escrever poesia se não doer em algum lugar. É uma expurgação. Já o conto e a crônica me permitem ser mais leve, fluída...

Letras&Livros - Quando você sabe que um texto está terminado?

Ayla Andrade - Quando sinto que o fôlego daquele texto acabou, se esvaiu... Ou quando as palavras acabam ou sentimento que ali eu desejava expressar se foi... Mas nem sempre o texto está completo. Alguns textos se vão como filhos que a gente acha que educou pro mundo, mas vez ou outra ainda falta um detalhe, uma observação... Assim aquele sentimento de poemas de Mário Quintana que terminam com três pontos ao fim... A gente podia completar com algo? Podia. Mas tá bom como tá...

Letras&Livros - O seu último livro, *O Mais Feliz dos Silêncios*, foi publicado pela Editora Substância lá em 2014. Por qual razão você demorou tanto para publicar

outro livro? Qual a dificuldade para o escritor independente no Ceará?

Ayla Andrade - Não acho que haja uma necessidade de se estar publicando constantemente... Não se é escritor(a) porque se publica livros. Nem sei se publicarei outro livro. Se é escritor ou escritora porque se escreve e de escrever nunca parei. Mudei de poema pra conto, pra crônica, etc., e o exercício da escrita é que realmente me motiva, me dá tesão pra continuar escrevendo. Ser escritora independente no Ceará tem seus desafios. Primeiro porque é caro, o mercado é restrito, estreito e em sendo mulher as portas ainda são mais estreitas... Há dificuldades em publicar, em lançar, em circular com o livro e onde vendê-lo. Há ainda também muito machismo, pedantismo, apadrinhamento dentro das artes e assim também o é na literatura no Ceará.

94

Letras&Livros - Ayla, mas você também já participou de algumas antologias — incluindo *Encontros e desencontros*, *Antologia Massanova*, *O cravo roxo do Diabo: o conto fantástico no Ceará* e, mais recentemente, *O Olho de Lilith*. Como a coletividade colabora com o teu próprio processo criativo? Qual a sensação de ter teu texto perto de outras escritoras tão diversas?

Ayla Andrade - É importante estar presente no momento da Cidade, nos “movimentos”, das novas literaturas e das velhas também. Durante um tempo, anos 1990/2000, eu e outros escritores estivemos muito próximos de José Alcides Pinto, frequentávamos a sua casa, ouvíamos suas histórias (às vezes,

mais de uma vez), ganhávamos livros autografados... Eu ganhei até uma placa de um prêmio em homenagem a ele que ele me deu dizendo: "Toma, serve pra nada mesmo isso". Rimos. E ilustro com o José Alcides pra dizer que é preciso circular, ler, interagir... Para conhecer, pra ver onde você deseja estar.... Porque interagir só por interagir e estar na "cena" não é coisa que me interesse... Dessas antologias, participei por afeto aos outros escritores, pela afinidade na proposta, por admiração ao que se tem feito em termos de literatura na Cidade e no Estado. No momento, acredito eu, o que temos de mais contundente e verdadeiro em termos de literatura e movimento (e isso não precisa ser unificado, único... Que bom que são diversos!) na Cidade são os saraus nas periferias de Fortaleza. É para além da literatura, um grito de vida, sem ser panfletário, mas com voracidade e lucidez. Vale a pena conhecer o que se tem feito nessas saraus. Quanto à antologia *Olho de Lilith*, organizado por Mika Andrade, pela Editora Pólen Livros e Selo Ferina, é outra dessas gratas surpresas na vida. Nós, mulheres, escritoras cearenses, escrevendo poemas eróticos em um ato político e artístico em forma de livro. Tem sido um passeio, um samba na cara dos inimigos de agora que ainda pensam em nos acorrentar, amordaçar e dominar nossos corpos e fala. Para além da escrita em livro, temos nos apresentado em saraus e, de fato, poder ler os poemas eróticos uma das outras, numa orgia poética bem feita, de saliva e de verbo, tem sido um deleite divinal. E, no fim, literatura pra mim é isso, é vivê-la.

Bruno Paulino

Letras&Livros - Como o interior do Ceará está presente nos seus contos?

Bruno Paulino - Sou um escritor telúrico, apaixonado pelo meu torrão natal, Quixeramobim. Uma cidade antiga do Sertão Central do Ceará, ainda hoje provinciana e pacata. É uma cidade de muitas histórias: de bois encantados e vaqueiros destemidos; da briga de famílias entre os Macieis e os Araújo; do misticismo de Antônio Conselheiro; da tragédia de Marica Lessa – Guidinha do Poço; dos discos voadores no céu e do lirismo potente das canções de Fausto Nilo. É desse rio generoso de referências que pinto a geografia seca dos tipos e paisagens — muitas vezes sobrenaturais — para ambientar meus contos.

Letras&Livros - Você é formado em Letras pela Universidade Estadual do Ceará. Essa formação ajudou você de alguma forma na construção do escritor que é?

Bruno Paulino - Sem dúvida. Foi na universidade que me lancei como escritor, escrevendo crônicas para jornais

alternativos e zines produzidos pelos próprios alunos, motivado por um professor que era também escritor, Rodrigo Marques. Outro fator importante é que a universidade me abriu um universo de autores clássicos que precisava ler para amadurecer e ter fôlego narrativo: Gabriel García Márquez, Vargas Llosa, Nietzsche, João Guimarães Rosa, Machado de Assis e Graciliano Ramos.

Letras&Livros - É difícil para o escritor residente no interior do Ceará conseguir espaços físicos e também espaços de divulgação?

Bruno Paulino - É difícil porque não existem livrarias nas cidades do interior, muitas sequer têm uma banquinha que venda jornais ou histórias em quadrinhos, e divulgar o livro se faz uma tarefa hercúlea e ambulante peregrinando nas escolas que os professores têm sensibilidade de abrir o espaço para o escritor falar sobre a importância da leitura em palestras. Por fim, as bibliotecas são depositórios de livros sem projetos de incentivo à leitura e o escritor é um extraterrestre, criatura exótica e despercebida.

Letras&Livros - E como a internet tem ajudado na conexão com outros autores?

Bruno Paulino - A internet, como dizem, encurtou as distâncias. E possibilitou ao autor um espaço rico de divulgação — sem mediação de livrarias ou editoras — e o contato não só com outros autores, mas também um retorno rápido e verdadeiro dos leitores que, ao lerem o livro, postam resenhas e comentários e desse modo fazem a informação sobre o livro circular.

Letras&Livros - Bruno, você escreve todo dia? Escreve no papel e no computador? Como é o teu processo de produção?

Bruno Paulino - O Rubem Braga dizia que escrevia de supetão como alguns instrumentistas tocam música de ouvido. Sou assim também, tenho que ser fisgado por uma ideia, um impulso para escrever. Claro que, depois de desenvolvida a ideia, dou um tempo para me distanciar do texto e finalizá-lo. Como falou a poetisa Adélia Prado, às vezes Deus tirava a poesia dela, era quando ela olhava uma pedra e via apenas uma pedra. Tem dias que também fico assim e não consigo escrever. Apenas poesia eu ainda escrevo no papel a lápis e na cadernetinha, acho isso romântico e charmoso.

Letras&Livros - Você também é integrante da AQL, a Academia Quixadaense de Letras, e da AQUILETRAS, Academia Quixeramobinense de Letras, Ciências e Artes. Como o trabalho dessas instituições faz crescer na literatura no sertão?

Bruno Paulino - Essas instituições se colocam como guardiãs da história local, promovem concursos literários nas escolas da cidade, palestras e exposições, e tentam se movimentar como podem. Acho que na ausência de um sistema literário essas instituições tentam legitimar a atividade de escrever.

Letras&Livros - Mas você não escreve apenas contos — há também o trabalho com o cordel e a pesquisa sobre Antônio Conselheiro. Como é esse trabalho de investigação sobre a vida dessa figura e como você tem transposto isso para as obras ?

Bruno Paulino - Antônio Conselheiro é a figura histórica que mais me inquieta. Li *Os Sertões* de Euclides da Cunha no fim da adolescência e nunca mais tive juízo. De lá para cá, leio tudo sobre ele e tenho participado como conferencista de muitos debates sobre o tema. Escrevi um livro com o Arievaldo Viana em cordel, *Os Milagres de Antônio Conselheiro*, sobre a mística religiosa do beato e estou muito feliz com o retorno positivo que o livro tem tido de pesquisadores abalizados do tema.

Letras&Livros - O teu livro *A Menina da Chuva*, lançado em 2016, alcançou uma grande projeção em muitos espaços — sendo, inclusive, adotado por escolas. Como foi o processo de construção dessa obra?

Bruno Paulino - O livro *A menina da Chuva* é meu trabalho mais conhecido, sendo muito adotado como livro paradidático nas escolas e também muito querido dos leitores. A crônica é o gênero que mais gosto de escrever e onde me realizo, pois é onde consigo ser mais lírico, confessional, simples e sincero, onde também consigo expor minha alma passarinho. Escrevi o livro despreziosamente e digo o contrário do que pensam: ser simples não é fácil, dá muito trabalho. E talvez esteja aí fórmula do livro.

Zélia Sales

Letras&Livros - Zélia, você é natural de Itapajé, mas mora em Fortaleza há muitos anos. Como o interior do Ceará está presente na tua escrita?

Zélia Sales - Está presente de forma bem marcante. A maioria das histórias que conto tem origem nas minhas vivências em Itapajé, tanto na cidade quanto na serra onde nasci e vivi até os seis anos mais ou menos, e aonde retornei inúmeras vezes. Devo a esse espaço, além dos enredos e dos personagens, a linguagem, que considero ser a minha marca estilística. Herdei do interior um vocabulário e um jeito peculiar de falar que permaneceu apesar das interferências da faculdade, do trabalho como professora, do universo da Capital.

Letras&Livros - Você tem dois livros: *A cadeira de barbeiro*, publicado em 2015, e *O desespero do sangue*, publicado em 2018. Qual é a dificuldade para lançar livros no Ceará de forma independente?

Zélia Sales - Acredito que o escritor que não tiver condições de arcar com os custos de uma publicação vai encontrar certa dificuldade para fazer isso. Sei que existem aqui em Fortaleza

algumas pessoas que se empenham em publicar autores que estão estreando, criando condições bastante favoráveis para levar a público obras individuais ou coletâneas. Mas acho que a maior dificuldade não é publicar, mas dispor de uma estratégia para que o livro chegue ao leitor. Este ano, participei de uma mesa-redonda em que um dos temas discutidos foi “Publiquei um livro, e agora?”. Isso é inquietante.

Letras&Livros - Zélia, em qual momento você começou a se considerar uma escritora?

Zélia Sales - Ainda acho meio ousado me autodenominar escritora, mas gosto quando me definem como tal. Comecei a considerar essa definição não só depois de ter publicado dois livros, mas também quando instituições como o Prêmio Ideal Clube e o Prêmio Sesc, por exemplo, selecionaram, publicaram, premiaram meus trabalhos. Mas é quando as pessoas me dizem, satisfeitas, “li seu livro de uma sentada”, ou com a voz meio embargada, “aquela bodega que você descreve é igualzinha à que meu pai tinha...”, que sinto que estou trilhando meu caminho como escritora. São as impressões dos leitores que melhor atestam isso.

Letras&Livros - Zélia, o contista é uma pessoa que está ensaiando para fazer um romance?

Zélia Sales - Acho que não. Os grandes nomes da prosa literária não precisaram fazer esse “ensaio”. Na verdade, considera-se o conto um dos gêneros mais difíceis de se trabalhar devido à necessidade de se condensar o enredo, unificar o foco e ainda assim obter resultados que concedam ao texto o perfil de obra literária. Para isso, é necessário o domínio da precisão

vocabular, da exatidão da frase, um cuidado quase artesanal, na tentativa de se atingir o âmago do leitor, onde o texto vai irromper da maneira mais doce, mais dolorosa, mais previsível, mais impossível.

Letras&Livros - E você tem vontade de escrever romances?

Zélia Sales - Venho escrevendo de forma aleatória, fragmentada. Por enquanto, tudo gira em torno de uma personagem feminina bastante excêntrica que exige de mim uma espécie de exorcismo, pois não sei escrever nada que não venha da minha alma, das minhas entranhas. E há um empecilho: temo expor demasiado algumas pessoas que me são caras. Mas acho que o elemento mais complexo da narrativa é o tempo. Se eu conseguir movimentar essa personagem dentro de um período de tempo, de preferência não linear, sem que ela se perca de si mesma, então poderei dizer que estou escrevendo um romance.

Letras&Livros - Você também é professora na rede pública estadual e realiza muitos projetos para incentivar a leitura na rede pública, incluindo o Poesia Com Pipoca. Como criar o hábito da leitura entre os adolescentes?

Zélia Sales - Não é possível levar um aluno a se interessar pela leitura sem que antes o professor cultive o hábito de ler, a paixão pelos livros. Quando se trata de uma boa obra, de um bom autor, eu só posso dizer “experimente” se antes eu já tiver me empanturrado desse material. Descobri com a galera

do Poesia com Pipoca que estamos fazendo revolução, no sentido de andar na contramão do consenso. É fato que alunos da escola pública, da periferia, leem, discutem, trocam ideias e experiências, escrevem, desvendam o mundo. Sabemos que, dentro da experiência estética, a leitura é um exercício de cidadania.

Letras&Livros - Como a função docente impregna a literatura que você desenvolve?

Zélia Sales - Procuo trazer a literatura para bem perto da realidade do aluno, para que ele perceba que o que está nos livros também pode estar na sua vida pessoal, social, relacionando contextos, procurando formar uma consciência crítica enquanto leitor. Às vezes, vou além e falo do Riobaldo pros meus alunos como se tivesse acabado de ter uma prosa com ele debaixo de uma ingazeira, ali, do outro lado do pátio. E compartilho com a turma minha agonia de ver Diadorim nua, retalhada à faca, mortinha, em cima do birô.

105

Letras&Livros - Você se considera uma contadora de causos?

Zélia Sales - Sou uma contadora de causos. Primeiro, porque gosto de ouvir causos; segundo, porque, sem pretensão, transformo em causos fatos que parecem corriqueiros. Também emendo uns nos outros, aumento aqui, tiro acolá... O bom é que tudo parece tão absurdo quanto real.

Um caderno de 30 anos

Por Cinthia Medeiros

A palavra está na gênese da arte de escrever. É também ferramenta fundamental do fazer jornalístico. Unidos por ela, escritor e jornalista - cada um tomado por um pouco do outro - são ambos contadores de histórias. Reais, ficcionais, tristes, fantásticas, policiais, românticas... Em forma de prosa, de poesia, numa crônica ou num haikai, a literatura se mantém numa fronteira porosa entre esses dois universos: o artístico e o jornalístico.

E é desse encontro indissociável que se nutre o Vida&Arte há 30 anos. Desde que foi criado, em 24 de janeiro de 1989, o caderno teve a literatura como peça chave. Pela própria natureza da cobertura cultural, nossa forma de reportar a o que se faz no campo da arte muitas vezes agrega certos requintes da escrita literária. Ou se vale das “licenças poéticas” que só a arte nos é capaz de permitir - invertendo lides, adjetivando personagens, alinhavando frases como se fossem versos.

106

Assim, ao longo dessas três décadas, gêneros, autores, formatos e eventos dedicados à literatura foram ocupando espaços, ganhando visibilidade, conquistando lugar cativo nas nossas páginas e o melhor: na rotina diária dos leitores do O POVO. Um espaço que vai além da cobertura, das entrevistas, da discussão sobre o quê e como a literatura tem dialogado com o mercado, mas que também abre espaço para a publicação da própria obra literária.

Um exemplo disso atravessa nossas edições em forma de crônica. Poucos são os jornais do País que dedicam uma coluna diária para esse gênero. Mas deslizando os olhos pela história do Vida&Arte, desde seus primórdios, percebemos a

continuidade desse espaço, ocupado por nomes, vejamos só, como Rachel de Queiroz, Airton Monte, Audifax Rios - colaboradores ilustres que renovam suas falas na atualidade pelos escritos de Socorro Acioli, Romeu Duarte, Pedro Salgueiro, Flávio Paiva, Henrique Araújo, Raymundo Netto e pela narrativa bem humorada de Tarcísio Matos. Cada um com seu estilo; cada qual com um olhar único para as situações do dia a dia; todos eles com a generosa tarefa de manter perene a linguagem da crônica, mais uma vez citando, tão próxima da observação jornalística.

107

Nossas páginas já serviram de suporte também para escritos inéditos do escritor cearense Horácio Dídimo, encontrados pela família do autor entre seus guardados após sua morte, em 2018. Sim, foi pelo *Vida&Arte* que eles vieram à público pela primeira vez.

Temos publicado periodicamente as cartas trocadas entre a pesquisadora da arte Carolina Ruoso e várias artistas visuais sobre seus processos criativos; e ainda artigos assinados por especialistas sobre temas diversos, que passeiam pela obra machadiana e chegam à contemporaneidade de Dante Alighieri, nascido mais de 750 anos atrás.

Para além disso, seja para falar de música, de moda, de gastronomia, e de tantas outras frentes de discussões que passaram a fazer parte da cobertura cultural, é a literatura nossa maior fonte de inspiração - em forma e linguagem - na hora de transformar a informação em notícia.

Mais recentemente, assim como o próprio Vida&Arte expandiu-se para outras plataformas, levando a nossa marca do papel para a Internet - pelo portal O POVO Online e também nas mídias sociais -, para o rádio, para o audiovisual e também para a Cidade (através de eventos que levam nosso nome, como o Palco Vida&Arte e o Festival Vida&Arte - que ocupam espaços importantes de Fortaleza com a difusão e democratização do acesso à cultura), vimos com muito orgulho a literatura produzida e divulgada por nós também se espraiando, inovando em formatos, apostando em novos nomes, enchendo salões em torno de saraus literários.

Este *Relicário*, fruto do projeto Vida&Arte Letras&Livros é um dos exemplos dos quais muito nos orgulhamos. Sua produção envolveu podcast, publicações dos contos do jornal impresso e desdobramentos em vídeo, numa transversalidade

de linguagens que passa ainda pela leitura dramática da atriz Jéssica Teixeira e os traços sensíveis dos ilustradores que transformaram os textos em lindas imagens. E não há palavras para descrever como esse passo é importante não apenas para coroar um trabalho que fazemos com paixão, mas também registrar o imenso respeito que temos à literatura que se faz no Ceará.

Que este seja o primeiro entre muitos outros. Que a força da palavra nos mantenha sempre unidos, escritores e jornalistas, e que ainda nos rendam outras alegrias em forma de muitos relicários.

109

*Cinthia Medeiros é essa pessoa que consegue deixar o ar ao redor pleno de uma segurança incomum, mesmo com tudo desmoronando. Jornalista formada pela Universidade Federal do Ceará. Filha de Francisco e Marília, mãe de Clara e Pedro. Segue a vida de mãos dadas com o Xuxu. Trabalhou em emissoras de televisão cearenses até 2015, quando assumiu a função de editora-executiva do Vida&Arte. Está à frente do caderno desde março daquele ano. Ama café com bastante açúcar.

O Fazer do Contista

Por Natércia Rocha

Há um artigo do escritor Julio Cortázar, intitulado *Alguns Aspectos do Conto (1962-1963)*, publicado no livro *Obra Crítica 2*, de 1999, onde ele reflete a respeito do gênero conto. Em um dos trechos que entraram para a história, o argentino faz analogia entre as semelhanças do conto com outras artes.

Diz assim: “O romance e o conto podem ser comparados analogicamente com o cinema e a fotografia, posto que um filme é em princípio uma ordem aberta, romanesca, ao passo que uma fotografia bem-sucedida pressupõe uma rígida limitação prévia, imposta em parte pelo reduzido campo que a câmera abarca e pela maneira como o fotógrafo utiliza esteticamente tal limitação”. E Julio Cortázar conclui que, “enquanto no cinema, assim como no romance, a captação dessa realidade mais ampla e multiforme é obtida mediante o desenvolvimento de elementos parciais, cumulativos, que não excluem uma síntese que dê o clímax da obra, numa fotografia ou num conto de grande qualidade se procede inversamente, isso é, o fotógrafo ou o contista se veem obrigados a escolher e limitar uma imagem ou um acontecimento que sejam significativos” (Cortázar, 1999: 350-351).

O fato é que o ofício de escritor, seja ele talentoso ou não, é semelhante a outras profissões que exigem assertividade, cálculo, organização, conhecimento do tema, flexibilidade. E essa derradeira virtude é característica que define bem seu trabalho, pois certa hora ele escreve em jornais, noutra

publica livros, depois redige releases, e até, sem apego, empenha seus dotes em narrações que outros assinam.

Nesse final da segunda década do século XXI, a vida e o fazer dos escritores contemporâneos seguem o mesmo enredo de centenas de anos atrás: tema que dá um bom conto, só não é de fadas.

Porque grandes escritores, sejam eles contistas, romancistas, poetistas, novelistas, roteiristas, quase sempre são seres humanos repletos de mar. É um povo caudaloso, acostumado às intempéries físicas e mentais. Espíritos livres é o que têm, aptos não somente a olhar, mas a ver; não apenas a escutar, mas também a ouvir, elevando a atenção à milésima potência. Penso que ter talento para escrever contos passa por isso.

É essa habilidade para lidar com o ritmo e o sentido das palavras, até alcançar o ouvido absoluto, antes de, finalmente, executar o texto diante do leitor. Quem o lê ou escuta, apenas sente os acordes de uma história pequena e bem contada.

Escrever de verdade, com as tripas, é para espíritos feito os de Graciliano, Garcia, Rachel, Juarez, Fiódor, Clarice, Machado, mentes preciosamente cativas da contextualização, do detalhe, do instante, do simples. Porque não basta escrever. É preciso ter o que dizer.

Talvez por isso a história pessoal de grandes escritores seja tão perscrutada. Seus valores desvendam caminhos pelos quais optaram (ou foram induzidos) a trilhar; revelam motivos de suas angústias; raíam até quando querem camuflar. Independente da nobreza da criatividade ou da vileza das ações textuais, os temas de um autor calam em sua memória afetiva e na que deseja esquecer.

Na labuta do contista também é imperioso ter coragem para cortar o excesso de palavras, aos moldes de um lapidador, quando o texto baixa bruto e pesado. É preciso retirar pretensões, limpar tolices, extrair e enxertar ausências. Até chegar ao ponto de modelar a história e acertar na veia do texto, como no apuro de um diamante.

Indago se há técnica capaz de desenvolver essa sutileza toda. E deduzo que, mesmo conhecendo

as regras do conto, o fazer do contista é pessoal e intransferível. A técnica ajuda, mas originalidade é a regra em textos que são amados, definitivos, canônicos em construção e sentido.

E esse 'fazer' vai além de saber escolher tema, planejar, estruturar, descrever, urdir tramas, criar personagens, conflitos e desfechos, tudo isso em pouco espaço e para ser consumido no tempo de um deleite. Talvez o encantamento do conto esteja mesmo nas asas do autor, e até onde elas podem levá-lo.

115

*A cearense Natércia Rocha é formada em Jornalismo e publicou os livros *Rumo Norte* (2008); *Viva o Tempo que se Chama Hoje* (2014); *Contos de Ir Embora* (2016); *Perfil de Chico Anyisio* (2016); e *Juarez Barroso: O Poeta da Crônica-Canção* (2018). Entre 2016 e 2018, ela também elaborou dois livros corporativos como ghost writer.

Au to res

116





Antônio LaCarne

Antônio LaCarne é formado em Letras-Inglês pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e docente da rede pública de ensino. Autor de *Salão Chinês* (2014), *Todos os poemas são loucos* (2017) e *Exercícios de Fixação* (2018). Possui textos integrando diversas antologias Brasil afora e poemas publicados em países como Colômbia, Grécia e Alemanha. Produz contos, crônicas e poesias — que, além do suporte físico, também ganham eco em páginas virtuais e redes sociais.



Argentina Castro

Nasceu em Fortaleza. Terceira filha do vaqueiro Inácio e de Celeste, uma descendente dos povos indígenas. Nesse universo de histórias contadas por essa dupla que lhe botou no mundo, tomou gosto por ouvir e contar. A Antropologia foi a ciência humana que tocou seu coração. Com ela, aprendeu que pessoas e situações poderiam ser exploradas no ver, no ouvir e no escrever. Anda a engatinhar no mundo da literatura. Gosta de arriscar. Morrer de amor é com ela mesma.



119

Ayla Andrade

É assistente social e escritora. Lançou em 2013 o livro de contos inéditos *O mais feliz dos silêncios*, pela editora Substância. Participa também de antologias como *Encontros e desencontros, Massanova* (2007), *O cravo roxo do Diabo - O conto fantástico no Ceará* (2011), *O Olho de Lilith – Antologia erótica de poetas cearenses* (2019), além de revistas como *Pindaíba*, *Revista Coletiva*, *Caos Portátil* e blogs de literatura. É uma amante do cotidiano e da Cidade.



Bruno Paulino

Bruno Paulino é quixeramobinense e graduado em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (Uece). Autor de *A Menina da Chuva* (2016) e *Lá nas Marinheiras* (2013). Professor de língua portuguesa e narrador dos casos cotidianos, ele utiliza o sertão central como substância para suas histórias. Já organizou antologias e eventos literários. Também é autor de *Pequenos Assombros* (2018), livro no qual se dedicou ao fantástico de cunho regionalista, e realiza pesquisa sobre Antônio Conselheiro.



121

Zélia Sales

Já fez algumas conquistas na vida e diz que uma das mais ousadas é escrever, publicar, chegar ao leitor, que é sua maior motivação. É formada em Letras e atua na formação de leitores em escolas públicas. Nas voltas que o mundo deu, virou também dona de casa, esposa, mãe, escritora. Enquanto escreve, corrige redações, refoga um frango, procura os filhos pelo Whatsapp. Acredita que escrever é assumir uma conduta subversiva.

Ilus
tra
do
res





125

Carlus Campos

Com mais de 30 anos de carreira, o ilustrador deposita no seu traço uma inquietação latente que não é vista no homem por trás da obra. Aos 17 anos, saiu de Russas para Fortaleza na busca de novas perspectivas. Entrou na redação do O POVO em meados da década de 1980, onde permanece desde então. Produz pinturas, desenhos, caricaturas, xilogravuras e litogravuras. Ilustrou os textos de Antônio LaCarne.



Dhiovana Barroso

É cearense. Formada em Jornalismo pelo Centro Universitário Estácio do Ceará e estudante da licenciatura em Artes Visuais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. Desde 2013 atua como quadrinista e ilustradora. Tem quadrinhos publicados na edição única da Revista Farpa! (2016), e ilustrou o livro infantil *O Soldado que não Queria Marchar, nem ser Soldado!* (2015), de Norbert Heinz. Atualmente contribui com quadrinhos para o Vida&Arte, com publicações semanais. Ilustrou os textos de Argentina Castro.



Domitila Andrade

É jornalista e ilustradora. Atua como repórter desde 2010 no O POVO. Já ilustrou para Mostra de Cinema da Livraria Cultura e para Curta O Gênero, compondo mostra itinerante pela América do Sul. Criou em 2008 a personagem feminista, gaiata, sagaz e fora dos padrões Mulher Listrada, primeiro em prosa e depois em quadrinhos. Desde 2018, publica semanalmente tirinhas da Mulher Listrada no Vida & Arte. Ilustrou os textos de Bruno Paulino.



Jéssica Gabrielle Lima

É fortalezense. Formou-se em Letras pela Universidade Federal do Ceará. Trabalha como mediadora de leitura, revisora de textos e também como ilustradora. Em 2015, publicou o título [eu não me movo de mim], entre tantas outras zines. Adora história em quadrinhos autobiográficas. Já participou de exposições coletivas: Ilustra Porto (CE) e Rizoma (RS). É integrante do Aliás, selo editorial independente feito por e para mulheres. Ilustrou os textos de Ayla Andrade.



127

Raísa Christina

É artista visual, cearense natural de Quixadá e escritora. Reside em Fortaleza, onde cursou o Mestrado em Artes da UFC, investigando o desenhar e as poéticas na criação de mapas de percursos errantes de jovens skatistas na cidade de Fortaleza. É autora de *Mensagens enviadas enquanto você estava desconectado* (2014) e *Danza* (2018). Ilustrou os textos de Zélia Sales.



Jéssica Teixeira

Pesquisadora. É mestre em Artes pela Universidade Federal do Ceará (UFC). É uma das atrizes cearenses mais representativas da nova geração do teatro. Produziu centenas de espetáculos para grupos cênicos e outros artistas. Seu trabalho mais recente é o solo E.L.A. - montagem que questiona as potencialidades corporais e aborda as influências do feminino. Leu os textos de todos os episódios Podcast Antologia - que estão disponíveis nas plataformas de streaming

Relicário

Coordenação editorial

Ana Naddaf

Edição

Isabel Costa e Rubens Rodrigues

Textos

Antônio LaCarne, Argentina Castro, Ayla Andrade,
Bruno Paulino e Zélia Sales

Ilustrações

Carlus Campos, Domitila Andrade, Jéssica Gabrielle
Lima, Raísa Christina e Dhiovana Barroso

Revisão de textos

Bruna Forte

Projeto gráfico e edição de arte

Cristiane Frota

Criação da marca

Deglaucy Jorge Teixeira

Catálogo na fonte

Edvander Pires

Núcleo de Cultura & Entretenimento

Editores-chefes

Cinthia Medeiros

Clóvis Holanda

Editores adjuntos

Camila Holanda e **Marcos** Sampaio

Repórteres

Bruna Forte, **João** Gabriel Tréz, **Teresa** Monteiro,

Isabel Costa, **Bárbara** Bezerra e **Jully** Lourenço

Projeto Vida&Arte - Letras&Livros

Coordenador de projetos

André Azevedo

Coordenação Geral

Wagner Mendes

Diretoria De Comunicação-Negócios

Aline Viana

Gerente de produção

Gilvana Marques

Produtora

Ana Luísa Duavy

Gerente de marketing

Maria Tereza Ramos

Analista de marketing

Alice Falcão



REALIZAÇÃO

OPOVO

APOIO



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ



Prefeitura de
Fortaleza